

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**CONTRIBUIÇÕES DE ERASMO PILOTTO PARA EXPANSÃO DO
ENSINO PRIMÁRIO NO PARANÁ: ENSINO RURAL,
ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES (1940-1970)**

CICÍLIA RODRIGUES MONTEIRO

**MARINGÁ
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**CONTRIBUIÇÕES DE ERASMO PILOTTO PARA EXPANSÃO DO ENSINO
PRIMÁRIO NO PARANÁ: ENSINO RURAL, ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES (1940-1970)**

Dissertação apresentada por CÍCÍLIA RODRIGUES MONTEIRO ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientadora:

Prof^ª. Dra. ANALETE REGINA SCHELBAUER.

**MARINGÁ
2015**

CICÍLIA RODRIGUES MONTEIRO

**CONTRIBUIÇÕES DE ERASMO PILOTTO PARA EXPANSÃO DO ENSINO
PRIMÁRIO NO PARANÁ: ENSINO RURAL, ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES (1940-1970)**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Analete Regina Schelbauer (Orientadora) – UEM

Prof.^a. Dr.^a. Alessandra Cristina Furtado – UFGD

Prof.^a. Dr.^a. Maria Cristina Gomes Machado – UEM

MARINGÁ, 30 DE MARÇO DE 2015.

PARA ELAINE E GABRIELA.

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma dissertação, apesar de ser um exercício individual, configura-se como o resultado de um trabalho coletivo, assim, neste momento, dedico algumas linhas para agradecer aqueles que se fizeram presentes.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, nosso Pai, por me conceder a saúde física e mental necessária durante esta caminhada.

A minha mãe Elaine, por ser meu maior exemplo, pessoal e profissional, o meu muito obrigada! A minha irmã Gabi, por ser minha melhor amiga, o meu mais sincero obrigada! Ao meu pai pelas hospedagens e palavras de incentivo, serei sempre grata.

A todos aqueles que pertencem ao meu universo familiar, de sangue, ou coração, que com seus sorrisos e palavras de carinho contribuíram para tornar este processo mais leve, deixo meu mais sincero obrigada!

À Universidade Estadual de Maringá pela acolhida durante esses seis anos consecutivos. Também quero agradecer imensamente aos professores da Pós-graduação em Educação, pelos ensinamentos recebidos, ampliando meus exercícios reflexivos. Estendo o mesmo sentimento de gratidão aos funcionários Hugo e Márcia por estarem sempre dispostos a ajudarem nas questões administrativas.

A minha orientadora professora Analete Regina Schelbauer por ter acreditado em meu potencial e pela relação de extremo respeito que construímos profissionalmente, muito obrigada! Tens, com toda certeza, minha eterna admiração.

Aos membros da banca de qualificação e defesa, professoras Ednéia Regina Rossi, Alessandra Cristina Furtado e Maria Cristina Gomes Machado, muito obrigada por terem aceitado prontamente ao convite de participarem deste processo tão importante na construção da minha vida profissional.

As colegas de faculdade, profissão e mestrado, Aline e Analice, obrigada por permitirem trocas tão acalentadoras. As risadas e companheirismo das minhas amadas Nay e Eliane, serei sempre grata por tudo. Para finalizar, agradeço a Lara pelo carinho, parceria, afeto e amizade que tanto me fazem bem, de coração, muito obrigada!

A maioria dos pedagogos e das pedagogias se ocupa da escola. Erasmo Pilotto se preocupou com o homem (PUGLIELLI *et al.*, 1996, p. 5).

MONTEIRO, Cíclia Rodrigues. **CONTRIBUIÇÕES DE ERASMO PILOTTO PARA EXPANSÃO DO ENSINO PRIMÁRIO NO PARANÁ: ENSINO RURAL, ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES (1940-1970)**. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof^a Dra. Analete Regina Schelbauer. Maringá, 2015.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como **tema** a expansão do ensino primário no Estado do Paraná e formula como **problema** o seguinte questionamento: Quais foram às contribuições do Intelectual Erasmo Pilotto para a expansão do Ensino Primário no Paraná? O conjunto de sua obra é relevante para a constituição da História da Educação no Paraná pelas possibilidades reflexivas que permite e foi o que suscitou elegê-la como **fonte** para esta pesquisa. A contribuição desse intelectual deu-se durante os anos de 1940 a 1970. A justificativa para este **recorte temporal** está no fato de que foi, durante as citadas décadas do século XX, que Pilotto exerceu suas principais funções como professor, educador e agente ativo das políticas públicas paranaenses. O **objetivo geral** foi traçado em consonância com a **metodologia** escolhida e assim define-se: Analisar de maneira interpretativa o discurso produzido, por Erasmo Pilotto, que contribuiu para a expansão da escola primária no Paraná, mais especificamente, sobre o ensino rural, alfabetização e formação de professores. Registre-se: em todas as seções destaca-se como temática constante, presente na obra deste autor, a aprendizagem do código escrito. A metodologia referente à pesquisa qualitativa, de caráter documental e bibliográfico, e sua fundamentação foram eleitas como amparo aos procedimentos de estudo. O resultado final, em formato de um texto dissertativo, configura-se por meio de **três seções**. Na **primeira** delas objetivou-se interpretar o discurso, veiculado pelas fontes, com enfoque direcionado aos aspectos biográficos do produtor da obra em estudo, articulando-os ao contexto histórico do Paraná. Na **segunda** parte apresenta-se às ações sociais e políticas propostas e defendidas por Erasmo Pilotto frente à formação de professores primários, como secretário de educação. E por fim, na **terceira** seção, buscou-se demonstrar como Pilotto agiu frente ao ensino rural. Por meio da reflexão que realizamos, cunhados nas leituras do material elencado, verificamos que a prática educacional, vivida no Paraná entre os anos de 1940 a 1970, foi de grande efervescência de ideias pedagógicas que buscavam modernizar o país e consequentemente o estado em questão, por meio da educação. O embate fundamental ocorria entre o grupo de intelectuais escolanovistas. Sabemos que nossos argumentos não são conclusivos e nem cessam as possibilidades investigativas acerca da temática em evidência, nesse sentido, buscamos colaborar em preencher pequenas lacunas da história da educação paranaense.

Palavras-chave: História da Educação; História da Educação no Paraná; Intelectuais; Erasmo Pilotto.

MONTEIRO, Cícilia Rodrigues. **THE CONTRIBUTIONS OF ERASMO PILOTTO FOR THE EXPANSION OF PRIMARY EDUCATION IN PARANÁ: RURAL EDUCATION, LITERACY AND FORMATION.** 91 p. Dissertation (Master in Education) – Maringá State University. Adviser: Prof Dr. Analete Regina Schelbauer. Maringá, 2015.

ABSTRACT

This research features as its theme the expansion of primary education in the State of Paraná and formulates the following question: What were the contributions of the Intellectual Erasmo Pilotto for the expansion of primary education in Paraná? The body of his work is relevant for the establishment of the History of Education in Paraná, the reflective possibilities that it affords, occasioned to elect it as a source for this research. The contribution of this intellectual took place over the years 1940-1970. The rationale for such time frame is in fact that it was during the mentioned decades of the twentieth century that Pilotto exercised its main functions as a teacher, educator and active agent of the state's public. The overall objective was outlined in accordance with the chosen methodology and thus it is defined: analyzing in an interpretative way the discourse produced by Erasmo Pilotto, which contributed to the expansion of primary school in Paraná, specifically, on rural education, literacy and teacher training. Important: in every section it stands out as a constant theme, present in the work of this author, the learning of the written code. The methodology related to qualitative research, document and bibliography, and reasons for, were elected as support for these study procedures. The final result, in format of an argumentative text is configured by means of three sections. In the first one it was aimed to interpret the speech, broadcasted by the sources with a focus directed to the biographical aspects of the work producer under study, connecting them to the historical context of Paraná. The second part presents the social initiatives and policies proposed and defended by Erasmo Pilotto on the formation of primary teachers as a secretary of education. Finally, in the third section, we sought to demonstrate how Pilotto acted before the rural education. Through reflection we carried out coined on the readings on part of the listed material, we can see that the educational practice in Parana between the years 1940-1970 was great about pedagogical ideas that sought to modernize the country and consequently the status at issue by means of education. The main clash occurred between the new school groups of intellectuals. We know that our claims are not conclusive or cease the investigative possibilities about the theme in evidence, in this regard we seek to collaborate by filling small gaps in the history of Paraná education.

Keywords: History of Education; History of Education in Paraná; intellectuals; Erasmo Pilotto.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Fontes de Pesquisa.....	22
Quadro 2:	Parte da Obra Erasiana.....	35
Quadro 3:	Principais objetivos do anteprojeto de Lei Orgânica desenvolvida por Erasmo Pilotto.....	59
Quadro 4:	Unidades de constituição do sistema educacional.....	60
Quadro 5:	Método de treinamento dos professores primários por Erasmo Pilotto.....	68
Quadro 6:	Disciplinas específicas da educação rural.....	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE	–	Associação Brasileira de Educação
APP	–	Arquivo Público do Estado do Paraná
BCE	–	Biblioteca Central dos Estudantes
BCH	–	Biblioteca de Ciências Humanas
BPP	–	Biblioteca Pública do Paraná
CILEME	–	Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar
INEP	–	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
MEC	–	Ministério da Educação e Cultura
PIBID	–	Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência
PIC	–	Projeto e Iniciação Científica
PR	–	Paraná
PSDB	–	Partido Social da Democracia Brasileira
TCC	–	Trabalho de Conclusão de Curso
UEM	–	Universidade Estadual de Maringá
UFPR	–	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO: A PESQUISA COMO CURIOSIDADE FORMALIZADA.....	12
1	INTRODUÇÃO.....	17
2	O UNIVERSO ERASMIANO.....	25
2.1	PILOTTO, NA VISÃO ROMÂNTICA, DE ANITTA.....	39
2.2	ERASMO PILOTTO E O CONTEXTO DE SUAS AÇÕES NO ÂMBITO EDUCACIONAL.....	41
2.3	A IDEALIZAÇÃO DA ESCOLA PERFEITA: SUA MATERIALIZAÇÃO NA CRIAÇÃO NO INSTITUTO PESTALOZZI.....	48
2.4	PILOTTO, INEP E O PARANORAMA DO ENSINO PÚBLICO ELEMENTAR NO PARANÁ: UMA AÇÃO POLÍTICA.....	52
3	AÇÕES POLÍTICAS DEFENDIDAS POR ERASMO PILOTTO FRENTE À FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS NO PARANÁ.....	57
3.1	ERASMO PILOTTO COMO SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO.....	58
3.2	ERASMO PILOTTO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS POR MEIO DOS PROGRAMAS EXPERIMENTAIS.....	60
3.3	NOVA PROPOSTA DE PROGRAMA E REGIMENTO INTERNO PARA OS GRUPOS ESCOLARES DO ESTADO DO PARANÁ.....	71
4	ERASMO PILOTTO E O ENSINO RURAL NO PARANÁ.....	74
4.1	UMA ESTRATÉGIA EDUCACIONAL CONTRA EVASÃO ESCOLAR: AMIGOS DA ESCOLA.....	79
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS.....	86

APRESENTAÇÃO: A PESQUISA COMO CURIOSIDADE FORMALIZADA

O desafio é deixar neste espaço aquilo que particularmente acredito que mereça ser eternizado em meu processo formativo. Escrevo neste momento, orgulhosamente, como aluna do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá: segundo estatísticas do Ministério da Educação e Cultura – MEC e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do ano de 2010, para cada 1.000 brasileiros, temos 1,4 Mestres/Doutores, é uma média bastante baixa, se compararmos a outros países, como o caso da Suíça que apresenta a quantia de 23 para cada 1.000, ou a Alemanha, com 15,4.

Fazer parte dessa estatística, com certeza, não foi por acaso, para explicar esta afirmação recorro as palavras de Soares (2001, p. 22): “Minha opção pela vida universitária não foi fruto do acaso, ou de oportunidade eventual: ingressei nela, é verdade, por uma oportunidade eventual, mas permaneci por escolha consciente e decisão segura. A universidade se atraiu”.

Identifiquei-me com as palavras de Soares exatamente pelo fato de que estar/frequentar o ambiente universitário ocorreu naturalmente em minha vida: “sou filha de professora universitária, profundamente sensível aos problemas sociais e voltada para busca de suas soluções, numa luta que teve como principal palco a universidade – palco em que, portanto, desde cedo estive presente” (SOARES, 2001, p. 23). Desde a mais tenra infância faço parte do contexto que circunscreve a Universidade Estadual de Maringá: fiz balé, curso de origami, artes e teatro, tudo neste espaço que eu viria a me tornar aluna por, pelo menos, 6 anos consecutivos, e por isso compartilho as palavras de Soares (2001).

A escolha pelo curso de Pedagogia também veio muito cedo: aos 18 anos tinha certeza da minha escolha profissional, queria ser Pedagoga, ou mais do que isso, queria ser professora. Minha decisão estava muito além de qualquer ilusão, eu sabia muito bem como era a rotina de um docente, pois, convivia com o mesmo desde sempre.

Não posso deixar de comentar como a escola que eu estudei da 1ª série do Ensino Fundamental, até a 3ª série do Ensino Médio, também teve influência em minha escolha profissional. Sempre adorei estar naquele espaço e construí com os

professores, coordenadores e diretores uma relação que perdura até hoje. Participava ativamente de todas as suas atividades culturais e intelectuais, para mim era importante vivenciar os momentos oportunizados da melhor forma possível, dos quais eu nunca me arrependi e tenho um carinho especial.

Aos 19 anos ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, pelo vestibular de inverno do ano de 2008. No começo foi difícil, minha identidade era muito diferente da minha turma de graduação. Era um novo ambiente cultural, do qual só me senti integralmente parte quando entrei no Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência – PIBID. Foi minha primeira aproximação com a docência em uma escola pública, que logo se tornou instigante para mim.

O caminho com o ato de pesquisar também se desenvolveu por meio do PIBID, pois, tanto o meu Projeto e Iniciação Científica – PIC quanto meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, foram pensados por meio de práticas vivenciadas na Escola: os processos de alfabetização e letramento.

Foi diante desse quadro, no decorrer do quarto e último ano da graduação, que resolvi que prestaria a seleção do Mestrado/UEM. O desenvolver do trabalho de conclusão de curso não havia sido suficiente e a sua finalização só me trouxe mais dúvidas e a vontade de continuar estudando. Felizmente a resposta para essa nova tentativa de minha vida foi positiva, diante do meu esforço pessoal e do apoio familiar.

O primeiro desafio enfrentado nessa caminhada foi o fato de compreender o que significaria para mim, como aluna, construir uma memória. Sim, acredito que o mais difícil para o “novo” pesquisador seja o fato de construir um raciocínio coerente, em relação ao estudado, que hoje, vejo como um misto de novas leituras, aprendizagens passadas e identidade pessoal. Confesso que nesse momento constatei uma lacuna em minha formação: Durante as aulas das disciplinas: “Escola Pública e o Pensamento Educacional na Contemporaneidade”, “História da Educação no Brasil” e “Fundamentos da Pesquisa em História da Educação” tive a certeza de que meu conhecimento acerca da História da Educação era superficial, e em alguns casos de senso-comum.

Eu já concordava quando a Nova História Cultural afirmava que em história não existem verdades absolutas e que devemos e podemos desconfiar daquilo que lemos, mas fazer essa teoria valer foi, e ainda, é meu maior desafio. Para vencer essa e

outras questões, debruçei-me às leituras indicadas pelos professores das já citadas disciplinas.

Nesse sentido, destaco a leitura do texto “História, Memória e História da Educação”, de Stephanou e Bastos (2011), quando apontam que “nostalgia pode, ingenuamente, levar a leituras conservadoras da realidade educacional” (STEPHANOU; BASTOS, 2011, p. 417), levando-me ao seguinte questionamento: o que significa então estudar o passado? Se, como as autoras afirmam o mesmo, como objeto de estudo não pode significar um simples processo saudosista? Interrogações estas que foram respondidas por outra significativa frase de Arendt (1987 *apud* STEPHANOU; BASTOS, 2011, p. 416), que sugere trabalhar com “fragmentos do pensamento” apanhados do passado e, diante de sua riqueza, lançar-se ao estranhamento. Sim, eu havia chego a uma primeira conclusão: esses fragmentos significaram para mim, a chave da pesquisa, em outras palavras: as fontes.

Meu primeiro raciocínio havia sido construído: por meio do estranhamento das fontes, eu revisito um fragmento do passado e construo uma determinada memória, entendo que o que causa interesse no ato de pesquisar tem que fazer relação com nossos anseios pessoais. É necessário que o pesquisador se identifique com o objeto de estudo. Segundo raciocínio completo: Eu só posso construir uma memória daquilo que faz algum sentido para mim como pesquisadora. Assim também é o desafio do pesquisador, encontrar uma temática com a qual ele se identifique e que mexa com as verdades: “memória e história, a exceção do passado como elemento comum, operam diferentemente, embora estejam imbricadas e mantenham íntimas relações” (STEPHANOU; BASTOS, 2011, p. 417).

Destaco também a leitura de Werle (2004), que ajudou na compreensão da noção geral do que significa fazer/constituir história, dentro da perspectiva de discurso e representação. Para Werle (2004), não há como fazer história da educação sem articular a noção de discurso, porque é exatamente o último que legitima a pesquisa.

A primeira leitura que me aproximou de meu objeto de pesquisa, que tem como base a defesa da Escola Pública é de Saviani (2005), que traz neste os itens do autor que podem servir de guia para o processo de investigação sobre a história da escola pública no Brasil. Nesse momento então, um novo elemento se faz presente na discussão: a pesquisa em escola pública, efetivamente.

Nesse texto Saviani (2005), traz uma comparação, aproximando escola e a igreja, como instituições que se destacam por promoverem educação formal e por trabalharem com o conceito de “verdade”, assim para o autor os conteúdos escolares se assemelham a dogmas religiosos. Desta forma, remeti-me aos meus anos de escolarização e fiquei tentando encontrar, se em algum momento, o conteúdo foi transmitido em forma de questionamentos, de maneira que me levasse a pensar. Como resposta as minhas próprias dúvidas, depois de vasculhar minhas memórias, recebi uma negativa. E é aí que o autor em evidência faz todo sentido quando diz: “saber é diferente de crença” (SAVIANI, 2005).

Seguindo com o registro de minhas memórias a respeito do caminho que percorri para chegar a este trabalho de pesquisa, cabe mostrar algumas reflexões pessoais acerca de como se configura a educação brasileira: que a meu ver, parafraseando Soares (2001, p. 53) “tange um histórico assistencialista, sempre com caráter de resolver ‘urgências’, resultando em um grande número de analfabetos funcionais, em outras palavras, vemos gerações que sabem ler e escrever de forma técnica, mas que não sabem como utilizá-las socialmente”.

Para finalizar, posso dizer que tenho a certeza de que por meio desse memorial estou engessando alguns sentimentos. Escrever é assim, traduz o calor da emoção do momento em que nossas mãos tocam o teclado do computador. Como amante da escola e de sua história, estudá-las tem sido um processo importante e interessante na busca pela continuidade da minha formação profissional.

O exercício de olhar para o passado, sem idealizá-lo, é uma atividade constante para o processo que aqui descrevo: afinal, o passado não existe, ele é somente uma fonte para o presente. O que nós temos do passado é a perspectiva dos autores que a ele se dedicam, em outras palavras os sujeitos atuantes na pesquisa, assim como mostra as palavras de Soares (2001, p. 39) que diz:

[...] a interação é maior com o objeto, em vez de fatos vividos por outros, narrados por um sujeito historiador que deles não participou, são fatos vividos pelo próprio sujeito e por ele mesmo narrado – sujeito memorialista. Assim vendo-me no passado, vejo-me, não como foi, não como fui, mas como a que sou me mostra ter ele sido e eu ter sido.

Cabe ressaltar ainda que um pesquisador da educação tem que conhecer seu principal objeto de estudo: a escola. Professor e pesquisador não são profissões diferentes, a todo o momento elas se cruzam. O que mais incomoda na profissão que escolhi é o fato de o professor ser visto como aquele que coloca em prática o que diz os pesquisadores que seguem modelos clássicos, desconhecendo a **cultura escolar**¹.

Cicília Rodrigues Monteiro.

¹ A categoria cultura escolar foi cunhada por Dominique Julia (2001) e tem sido objeto de apropriação por diversos pesquisadores do campo da História da Educação. Para estudos mais aprofundados sobre o tema leia-se Vidal e Faria Filho (2005).

1 INTRODUÇÃO

A aproximação com a temática escolhida teve início durante a minha graduação em Pedagogia, mais precisamente no ano de 2010, quando passei a integrar o Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), por meio do subprojeto proposto pela Universidade Estadual de Maringá, intitulado: “Implementação de Práticas de Alfabetização e Letramento”, cujo objetivo era o desenvolvimento de práticas de alfabetização e letramento que pudessem ser significativas e primassem por atender turmas do primeiro ciclo do Ensino Fundamental da rede municipal de Maringá-PR. O critério para escolha das escolas que receberiam o projeto foi o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) alcançado no ano de 2009, sendo este considerado baixo. O trabalho desenvolvia-se por meio de ações teóricas e práticas. Antes de irmos para sala de aula, realizávamos estudos referenciais pautados em Mortatti (2000), Soares (1998 e 2010), Gontijo (2008), Kleiman (1995), Abramovich (1997), dentre outros.

Foi em função do mencionado contexto que meu interesse por compreender a alfabetização e suas peculiaridades se consolidou, fazendo com que o ato de estudar ganhasse sentido para mim. Naquele momento eu queria buscar alternativas que ajudassem os alunos da turma, na qual eu estava trabalhando, a melhorar o desempenho escolar. Dois anos se passaram e eu estava no último ano da graduação, quando desenvolvi um trabalho de conclusão de curso, intitulado: “Alfabetização e Letramento: um olhar para Revista Criança”, no qual pesquisei quais eram as principais orientações teórico-metodológicas apresentadas no impresso, destinadas aos professores da Educação Infantil, para o desenvolvimento de práticas alfabetizadoras.

Ao findar de minha graduação, sabia que deveria continuar estudando, tanto pela vontade de ampliar minhas possibilidades profissionais, quanto pela vontade de adensar conhecimentos. Nesse momento outro interesse de estudo emergiu: o gosto, também, pela área de história da educação.

Pensando em articular minhas duas áreas de afinidade, prestei a seleção, e me tornei integrante do grupo de pesquisa “Estudos e Pesquisas: História da Educação, Intelectuais e Instituições Escolares”, coordenado pelas Professoras Anaete Regina

Schelbauer e Maria Cristina Gomes Machado. O grupo me acolheu de forma significativa e me ajudou a chegar a uma temática que articulasse história e alfabetização: **Contribuições de Erasmo Pilotto para Expansão do Ensino Primário no Paraná: Ensino Rural, Alfabetização e Formação de Professores (1940-1970).**

A escolha por estudar História da Educação significa fazer pesquisa sob a perspectiva das relações sociais. E é desta forma que encontramos a própria cultura, produzida pelos sujeitos, que são fontes de pesquisa. A história é uma representação, construída por meio dessas fontes, elencadas pelo pesquisador: em seu ofício, o historiador é o ser representativo do presente, entendendo que a ciência em evidência deve ser entendida como um recorte singular, ou, em outras palavras, um fragmento interpretativo do passado.

A demarcação de desdobramentos filosóficos, que buscam explicitar as características do cotidiano da vida humana, histórica e socialmente, constitui-se como campos do saber, permitindo a pesquisa histórica. Redefinir focos de interesse do pesquisador significa, em tal postura, o abandono dos grandes recortes temáticos e a opção por análises pontuais, delimitadas e descritivas, da particularidade das práticas e dos produtos culturais escolhidos para investigação, o que possibilita pesquisar objetos setorializados.

Nesse sentido, o mesmo passa a ser representado como um produto advindo de práticas culturais das estruturas humanas, que podem ser: história das mentalidades, história de longa duração (estruturantes do pensamento humano), preocupando-se com as crenças do comportamento humano, que de certa forma, mudam muito lentamente, tendendo por vezes a inércia e à estagnação. Tal concepção é importante para se compreender História como representante de múltiplos padrões sociais.

Assim podemos trazer as contribuições de Bloch (2001), que diz que o tempo é a matéria concreta da história. Considerando ainda que a história é a ciência do tempo e da mudança, coloca-se a cada instante delicados problemas para o historiador. O autor afirma ainda que o presente, bem referenciado e definido, dá início ao processo fundamental do ofício do historiador: “compreender o presente pelo passado” e, correlativamente “compreender o passado pelo presente”. A história terá, portanto, o direito de reivindicar seu lugar entre os conhecimentos verdadeiros, dignos

de esforço, apenas na medida em que, em lugar de uma simples enumeração, sem vínculos e quase sem limites, nos permite uma classificação racional.

Ao definir meu tema de pesquisa, comecei a me aproximar da historiografia produzida com base na obra de Erasmo Pilotto, o que desencadeou um caminho de revisão bibliográfica. A primeira e significativa leitura foi de sua Autobiografia, organizada por Santos (2004), publicada após seu falecimento, foi de grande valia para que eu começasse a entender como Pilotto via sua própria trajetória e como a escola fez parte de sua vida, desde a mais tenra infância.

Os estudos de Vieira, publicados na primeira década do século XXI, revelam que a presença e o desempenho de discursos educativos permeiam a atmosfera cultural paranaense e uma forma de contá-los é por meio do estudo de intelectuais, como Erasmo Pilotto. O autor nos convida a compreender que no século XXI, os congressos e as publicações da área – história da educação – revelam a continuidade do debate sobre o tema dos intelectuais do campo educacional. Intelectuais e tradições intelectuais vieram à tona, retirando das sombras personagens e cenários antes desconhecidos, fato este que se torna válido mencionar, em vista de que durante o século XX, segundo Vieira (2008), o modelo da tradicional história das ideias não encontrou significado na produção acadêmica da área.

Miguel (1992) realizou um importante trabalho historiográfico, intitulado: “A pedagogia da escola nova na formação do professor primário paranaense: início, consolidação e expansão do movimento”, esta tese de doutorado foi defendida na PUC-SP, e está dividida em três capítulos, sendo a quarta parte do primeiro deles, dedicada somente a Erasmo Pilotto. Porém, cabe ressaltar que o trabalho me norteou como um todo, visto que o mesmo tem como objetivo, “focalizar a presença da Pedagogia da Escola Nova no Paraná de 1920 a 1961” (MIGUEL, 1992, p. 8).

Outro trabalho relevante em relação à temática escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa é de Brito (1981), denominado: “Método Erasmo Pilotto: processo de alfabetização e treinamento de professores em serviço”, defendido na UFPR, cujo propósito

[...] é demonstrar os resultados da experiência realizada no Paraná, dentro dessa metodologia, com o objetivo de se obterem soluções

simples e econômicas para um problema que gera grandes preocupações tanto a nível nacional, como regional e local, que é o da aprendizagem inicial da leitura e da escrita (BRITO, 1981, p. 11).

Mikorsz (1981) realizou uma pesquisa intitulada: “Uma abordagem metodológica para o ensino de leitura e da redação na 1ª série do 1º grau” com base nos pressupostos de Gagné e no modelo de alfabetização no “Erasmus Pilotto”, UFSM. A autora apresenta, em forma de texto, os resultados de um trabalho experimental realizado em Curitiba-PR, dentro de uma escola periférica, tendo como recurso quadro-de-giz, giz, professor e aluno, basicamente os mesmos utilizados por Erasmo Pilotto, que teve como objetivo: “testar a abordagem metodológica para ensino da leitura e da redação, partindo de um vocabulário já existente no repertório infantil, ampliando-o e enriquecendo-o” (MIKORSZ, 1981, p. 9).

Apresentamos neste momento o trabalho de conclusão de curso de Marach (2004), que carrega o título de “Elegia à cultura: a trajetória individual de Erasmo Pilotto e a Escola Serena”, que analisou o período de 1920 a 1950, apresentado na UFPR, em que procurou compreender o ambiente cultural do Estado por meio das obras e impressões pessoais de Erasmo Pilotto.

Ao finalizar a revisão bibliográfica, era hora de angariar vestígios documentais que me permitiram ter elementos para construir uma nova versão, para ter um novo olhar para trajetória educacional de Pilotto. A vasta obra do intelectual retrata sua trajetória, suas ações políticas, estruturais e metodológicas no prisma educacional. Erasmo Pilotto tinha gosto por registrar seus trabalhos, deixando-os, em sua quase totalidade, publicados em livros, livretos, artigos e revistas.

O conjunto de sua obra é relevante para a constituição da História da Educação no Paraná, pelas possibilidades reflexivas durante as décadas de 1940 a 1970, e estão descritas no primeiro capítulo deste trabalho. A justificativa para o recorte temporal desta dissertação está no fato de que foi durante as mencionadas décadas do século XX, que Pilotto exerceu suas principais funções como professor, educador e agente ativo das políticas públicas do estado do Paraná.

É válido ressaltar que o trabalho aqui apresentado não pretendeu desenvolver, por meio da leitura dos documentos, a constituição de uma “verdade” acerca do que foram as contribuições de Erasmo Pilotto para a História da Educação no Paraná.

Bloch (2001, p. 67) afirma: “mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo”. É a pergunta que fazemos que condiciona a análise. O fato de deixar com que minhas fontes conversem, e mostrem o que elas têm a dizer, faz com que eu não consiga nesse momento pensar em um “modelo intelectual uniforme”, expressão esta que retirei de Bloch (2001, p. 49), quando afirma que: “não sentimos mais a obrigação de buscar impor a todos os objetos do conhecimento um modelo intelectual uniforme, inspirado nas ciências da natureza física, uma que até nelas esse gabarito deixou de ser integralmente aplicado, mesmo que continuemos a obedecer às regras fundamentais da razão”, em outras palavras, apesar de compreender a necessidade e de ter traçados meus procedimentos metodológicos, eu não os segui como passos irrevogáveis, o próprio caminho pela pesquisa, as leituras e releituras realizadas foram delineando por quais caminhos eu deveria seguir.

Nesse momento torna-se válido compreendermos que os historiadores da educação dependem, nas suas investigações, não apenas das questões formuladas dentro das matrizes teóricas. Assim sendo, as fontes de pesquisa desta dissertação foram encontradas em quatro locais: a Biblioteca da Universidade Estadual de Maringá, a Biblioteca Pública do Paraná, o Arquivo Público do Paraná, e a Biblioteca de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Quando Erasmo Pilotto faleceu, sua esposa, Anita Camargo Pilotto doou todos os exemplares. A maior parte de sua obra acervada está no setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Paraná e o acesso é restrito, por existirem poucos e frágeis exemplares.

A pergunta a ser respondida neste trabalho de pesquisa formula-se por: Quais foram às contribuições do Intelectual Erasmo Pilotto para a expansão do Ensino Primário no Paraná? Para tanto elenquei alguns documentos como fontes documentais, partindo do pressuposto de que os mesmos nortearão os argumentos para constituição da minha dissertação:

Nome da fonte	Local onde foi encontrada	Tipo de material
---------------	---------------------------	------------------

Oração de Paraninfo (1940)	BPP	Folheto
Emiliano (1945)	BPP	Livro
Prática da Escola Serena (1946)	BPP/BCH – UFPR	Livro
Reorganização do Ensino Secundário (1949)	BPP	Livro
A Educação é Direito de Todos (1952)	BPP/BCH – UFPR	Livro
Temas da Educação de Nosso Tempo: Teologia Pedagógica (1954)	BPP/BCH – UFPR	Livro
A Educação no Paraná: Síntese Sobre o Ensino Elementar e Médio (1954)	BPP/BCH – UFPR	Livro
Problemas Abertos de Sistemas Escolares para o Brasil (1958)	BPP	Livro
Situações do Desenvolvimento Brasileiro e a Educação (1959)	BPP	Livro
Direito à Educação (1960)	BPP	Livro
Prioridades Financeiras para o Ensino Paranaense	BCE/BPP – UEM	Livro
Organização e Metodologia para o Ensino Paranaense na 1ª Série Primária. Um Caminho para o Aperfeiçoamento da Escola Pública Primária em Países em Desenvolvimento (1964)	BPP	Livro
Graal (1965)	BPP/BCH – UFPR	Folheto
Fatos e Expectativas Novos na Educação da América Latina (1965)	BPP	Livro
Problemas da Educação (1966)	BPP/BCH – UFPR	Livro
Que se Exalte um Mestre em Cada Sonho! (1967)	BPP/ BCH – UFPR	Livro
Para um Humanismo Individualista (1968)	BCH – UFPR	Livro
Obras I (1973)	BPP/BCH – UFPR	Livro
Obras II (1976)	BPP/BCH – UFPR	Livro
Informe sobre Treinamento de Mestre e Alfabetização (1980)	BPP/BCH – UFPR	Livro
Mestre de Meninos: Apontamentos para um Discurso (1982)	BPP/BCH – UFPR	Folheto
Apontamentos para uma Pedagogia Fundamental (1982)	BPP/BCH – UFPR	Livro
O Mural Redondo (1987)	BCE – UEM BPP/BCH – UFPR	Folheto
Memórias autobiográficas	BPP	Livro

Quadro 1: Fontes de Pesquisa

Fonte: Organização pela autora (2014) por meio da pesquisa realizada nos acervos descritos – BPP: Biblioteca Pública do Paraná/BCE – UEM: Biblioteca Central dos Estudantes – Universidade Estadual de Maringá/BCH – UFPR: Biblioteca de Ciências Humanas – Universidade Federal do Paraná/APP-PR: Arquivo Público do Estado do Paraná.

As fontes elencadas, expostas no quadro anterior, não contemplam os trabalhos que Erasmo Pilotto realizou de biografias, Emiliano (1945), Theodoro de Bona (1948), João Turin (1953), Dario Velozzo (1969) e Mallarmé: Carta à Colombo de Souza (1982), visto que o foco deste trabalho se enquadra nos aspectos da atuação como agente educacional do intelectual em questão. Inserir essas obras excederia o objetivo deste trabalho de pesquisa.

Pilotto, segundo Boni (2007), possui uma vasta produção, como gestor de políticas públicas educacionais de seu tempo, especificamente como relator de experiências para professores da escola primária. Boni (2007) assevera que Pilotto foi Secretário de Estado do governo de Moisés Lupion (1947-1951). Segundo o próprio intelectual, durante o exercício da função de gestor, “procurou dar pequenos passos, sempre em respeito a direitos fundamentais do homem, que nasceram de uma consciência dolorosa de gravíssimos problemas daquele organismo de administração do Estado” (PILOTTO, 1952, p. 5).

Pilotto fez sua escolaridade em Curitiba, sempre como um entusiasta da leitura e do estudo e, contrariamente a maioria dos jovens curitibanos de seu meio social, optou por ser professor primário, segundo as palavras de Anita Camargo Pilotto (1986, p. 30), sua esposa, tornou-se um educador de “alma romântica”.

Considerando a necessidade de se traçar um caminho metodológico e se atentando ao fato de que o mesmo deve se adequar à problemática e aos objetivos propostos, elegi a pesquisa qualitativa, de caráter documental e bibliográfico, e sua fundamentação como amparo aos procedimentos de estudo, porque oferece subsídios que auxiliam na reflexão-ação-reflexão acerca do objeto definido.

De acordo com Bogdan e Biklen (1999), a pesquisa qualitativa possui características próprias que atendem a um determinado tipo de pesquisa. É qualitativo porque há uma preocupação com pormenores descritivos relativos a pessoas, objetos, dados coletados, que não permitem uma organização estatística. Neste tipo de pesquisa também se faz necessário à descrição das fontes elencadas, se preocupando muito mais com o processo de desenvolvimento da pesquisa, do que com os resultados propriamente ditos.

Bogdan e Biklen (1999), afirmam que na pesquisa qualitativa o pesquisador deve buscar a essência do objetivo que investiga por meio de sua problematização, o que justifica a necessidade de um problema de pesquisa bem formulado. O objetivo é encontrar as várias possibilidades e perspectivas presentes nas fontes, por isso a escolha da descrição como principal procedimento metodológico, já que esta amplia as possibilidades do documento, tendo clareza de que as informações obtidas serão agrupadas, analisadas e divulgadas por meio do texto final, que será redigido na forma de uma dissertação.

Torna-se válido dizermos que o trabalho com documentos/fontes é fundamental é insubstituível para o pesquisador no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, segundo Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 2), “o uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado”. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso, porque possibilita ampliar o entendimento do objeto e sua compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Neste texto dissertativo, a ida até os acervos documentos na cidade de Curitiba, permitiu identificar os fatos, por meio da problemática que intencionamos responder, denominados de hipóteses de interesse. Não é válido ao pesquisador buscar fontes sem um problema de pesquisa, por mais que este possa passar por adaptações no decorrer do processo de trabalho:

[...] quando um pesquisador utiliza documentos objetivando extrair dele informações, ele o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise; segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos – estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos (SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 4).

Este trabalho está dividido em três seções, que buscaram construir uma interpretação descritivo-analítica acerca das contribuições do intelectual Erasmo Pilotto para História da Educação no Paraná. Na primeira delas objetivou-se interpretar o discurso, veiculado pelas fontes, com enfoque direcionado aos aspectos biográficos do intelectual Erasmo Pilotto, articulando-o aos aspectos históricos ocorridos no Paraná, respeitando o recorte temporal desta pesquisa.

Na segunda parte apresentar-se-á quais foram às ações e as políticas defendidas por Erasmo Pilotto frente à formação de professores primários no Paraná, como secretário de educação. Por fim, na terceira seção, buscou-se identificar as contribuições metodológicas, do intelectual em estudo, para alfabetização no Paraná. Cada seção procurou desenvolver um objetivo para composição final deste trabalho.

2 O UNIVERSO ERASMIANO

Nas próximas páginas apresentamos uma escrita oriunda da reflexão, acerca da prática cultural educacional vivida no Paraná dos anos de 1940 a 1970, possibilitada pela leitura de textos autorais do intelectual Erasmo Pilotto. Concentramos nossos esforços em constituir um texto dissertativo que prime pela análise das ideias e da trajetória do sujeito/objeto escolhido para esta pesquisa.

O dissertar, aqui apresentado, foi baseado na leitura da trajetória individual do intelectual em estudo, o que possibilitará compreender anseios, sentimentos individuais e coletivos do ambiente sociocultural do Paraná e assim interpretar e recriar as já citadas décadas.

Em função da extensão da obra erasmiana, fomos levados a constituir um recorte mais específico: procuramos privilegiar, neste capítulo, o discurso veiculado pelas fontes, com enfoque direcionado aos aspectos biográficos de Pilotto, articulado ao contexto histórico paranaense. Erasmo faz parte dos intelectuais do século XX que assumiram, segundo Vieira e Marach (2007, p. 270), a identidade de grupo social e como tal, incorporaram um sentimento de missão social, inserindo-se na cena pública como guias do povo, guardiões da cultura e racionalizadores do estado.

Vieira (2001, p. 4) diz que sujeitos como Erasmo Pilotto são intelectuais por traduzir, de forma teórica, os diferentes interesses de grupos sociais que disputam poder:

No centro dessa atividade [...] não são juízes, nem engendadores dos movimentos sociais, mas representantes qualificados que assumem as funções de direção e de organização desses movimentos. A rigor, essa concepção contrasta com a representação tradicional do intelectual como erudito e desinteressado.

Pilotto é integrante da grande de intelectuais que lutou pela inserção dos ideais escolanovistas em nosso país, sendo segundo Vieira e Marach (2007, p. 270), “um exemplo sem precedentes na história brasileira do poder de mobilização da causa educacional na formação de um grupo de intelectuais sofisticados e, sobretudo,

influentes na sociedade brasileira” (VIEIRA; MARACH, 2007, p. 270), se destacando de maneira singular.

O Movimento pela Escola Nova, para Vieira (2001, p. 2), parafraseando Lourenço Filho, visava à organização nacional com base na organização da cultura:

parto da premissa de que a atuação dos intelectuais envolvidos com o movimento foi decisiva na configuração do campo educacional brasileiro, a partir de suas iniciativas na definição de políticas públicas para educação, na organização do sistema nacional de ensino, na reformulação dos métodos pedagógicos, bem como na orientação da formação de professores.

Cabe, neste momento, compreendermos que as ideias escolanovistas significaram no Brasil e, conseqüentemente no estado do Paraná, a renovação, segundo Miguel e Alboni (2005, p. 1) do “entusiasmo pela educação” e do “otimismo pedagógico”. Miguel e Alboni (2005) afirmam que o Paraná da primeira metade do século XIX caracterizou-se pela rarefação de sua população, e nas duas últimas décadas daquele século, pelas políticas de imigração e migração dirigidas, visto que somos um estado formado fundamentalmente pela prática agrária cafeeira e pecuarista. Miguel e Alboni (2005) dividem cronologicamente a implantação do ideário da Escola Nova paranaense em três fases: Início (1920-1938), Consolidação (1938-1946) e Expansão (1946-1960), o que poderá ser percebido no decorrer deste trabalho.

A opção por tentar compreender a expansão da Escola Primária em nosso Estado, por meio do estudo de um intelectual da educação, justifica-se pela citação de Vieira (2001 *apud* VIEIRA; MARACH, 2007, p. 271):

Investigamos os intelectuais porque consideramos que as suas ideias e as suas trajetórias são testemunhos privilegiados dos diversos projetos formativos que demarcam as disputas em torno da direção dos processos de formação das novas gerações. Nesse sentido, nos propomos a produzir uma história intelectual do movimento renovador no Paraná, a partir da análise da trajetória daqueles que ocuparam as funções de direção e de organização do movimento.

Pilotto tinha o desejo de modernizar o Estado do Paraná por meio da educação, além disso, os clubes literários e sociais, as igrejas e outros foram espaços utilizados

para o culto do moderno e para a afirmação da missão modernizadora. “Não obstante, o interesse sobre os projetos formativos escolares apareceu com destaque na estratégia dos diferentes grupos e tendências intelectuais” (VEIRA; MARACH, 2007, p. 270).

A primeira pergunta que formulamos durante o processo de estudos foi: Quem foi Erasmo Pilotto? A resposta para este questionamento tornava-se necessária porque esta é uma pesquisa cujo objeto é um sujeito/intelectual e mais especificamente suas contribuições à História da Educação no Paraná e, especificamente, à expansão do ensino primário no Paraná.

Professor, escritor, político e crítico de arte, Erasmo Pilotto nasceu na cidade de Rebouças no Paraná, dia 21 de outubro de 1910, filho de um funcionário ferroviário e de uma professora primária. Seu Pai, José Pilotto Sobrinho, faleceu quando Erasmo ele não havia completado dois anos de idade, apesar da mortalidade precoce Pilotto (2004, p. 18), afirma que o pai teve profunda influência em sua vida:

ele me deixou uma estante de livros, entre os quais se contavam Deus na Natureza, de Camile Flammarion; Os Miseráveis, de Victor Hugo; os cinco primeiros volumes da História Universal, de Oncken; um exemplar da Bíblia, traduzido pelo padre João Ferreira de Almeida; obras dos primeiros mestres do espiritualismo, entre as quais destaco as de pesquisa científica neste campo; um grande volume sobre Marquês de Pombal etc. Uns cem volumes, dentro do teor e do nível dos que acabo de citar.

Sobre sua mãe, Ernestina Gonçalves da Motta Pilotto, nascida em Guarapuava, dizia esta ser “uma mulher de hábitos simples e orientação firme” (PILOTTO, 2004, p. 19). O intelectual afirma ainda, em sua autobiografia, que havia se formado “entre a evocação da mentalidade nova e ardente de seu pai, a tranquilidade e a estabilidade de índole tradicional da família de sua mãe” (PILOTTO, 2004, p. 19). Teve também um irmão de nome Hugo, que veio a falecer dois meses depois de seu nascimento. Fora criado como filho único, por sua mãe.

Cursou o ensino primário em escolas públicas de Curitiba. Em 1917 frequentou a primeira série do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva, inaugurado dia 03 de Dezembro de 1903, sendo este “um centro de demonstração, para a reforma escolar, que tinha

como um de seus pontos vitais a implantação do que então se chamava como vimos vendo, método analítico” (PILOTTO, 2004, p. 21):



Figura 1: Imagem do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva, hoje Escola Estadual
Fonte: Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/escolas/xavier-silva>.

Ao mencionar em sua autobiografia o fato de ter estudado no primeiro grupo escolar criado no Estado e a ênfase que se dava ao método analítico, o intelectual nos oferece um forte indício dos caminhos trilhados em sua formação e atuação profissional: a escola primária, a formação de professores e a alfabetização. Diante disso, faremos uma pequena digressão a fim de situarmos à discussão sobre o método analítico e o papel dos grupos escolares para o período em foco.

A introdução do método analítico no Brasil tem início com a reforma da instrução pública paulista, iniciada em 1890, pelo Dr. Antonio Caetano de Campos, e, a partir de 1892, aperfeiçoada por Gabriel Prestes (ambos diretores da Escola Normal de São Paulo) e executada por Cesário Motta Junior, Secretário de Estado dos Negócios do Interior do Governo de Bernardino Campos. Para Mortatti (2000, p. 78) o esforço em relação ao moderno método de alfabetização era em função das “aspirações que convergiam para a busca de cientificidade – e não mais o empirismo – na educação da criança e delineavam a hegemonia dos métodos intuitivos e analíticos para o ensino de todas as matérias escolares, especialmente a leitura”.

O método que veio para o Brasil por intermédio norte-americano mexia principalmente na estrutura da formação de professores, que deveria passar a ser baseada na psicologia da infância: “é da psicologia da infância que se deve deduzir o melhor modo de ensiná-la, e esse ensino inclui não só a instrução, que é muito, como também o hábito de aprender, que é tudo” (MORTATTI, 2000, p. 79).

A disseminação do método analítico por todo o país ocorre,

[...] ao longo das décadas de 1890 e 1900, outras escolas-modelos vão sendo instaladas na capital bem como no interior do Estado, acompanhando a expansão do ensino normal; e, por intermédio das “missões” de professores paulistas, esse modelo de ensino vai sendo divulgado em outros estados da nação (MORTATTI, 2000, p. 81).

Essas missões consistiam em professores que saíam de seu estado para formar docentes nas demais localidades do país, ocorrendo assim a consolidação e expansão desse novo padrão de Escola Normal em todo país.

Anos mais tarde Pilotto, em sua autobiografia, analisou o “novo” modelo de educação primária da qual fez parte:

estivemos falando de primeiras séries, e tomo-as como índice da situação geral. O preparo de seus alunos, no final do ano, era, sem sombra de dúvida, muito superior ao de hoje; liam de modo corrente, livro fáceis, eram capazes de redigir frases pessoais, tinham uma caligrafia boa, escrita à tinta, faziam as quatro operações fundamentais de aritmética com praticamente quaisquer números inteiros (PILOTTO, 2004, p. 22).

Por outro lado, criticou o mesmo dizendo privilegiar somente o “círculo central de cidade”, o que no momento em que escrevia não ocorria mais: “num lugar como Curitiba, praticamente nenhuma criança deixa de ir para escola; se não for aos 7, irá aos 8, ou aos 9 anos; mas termina sendo matriculada em suas classes, ainda que nem sempre seja satisfatória sua frequência e permanência aí” (PILOTTO, 2004, p. 22).

No que se refere às escolas primárias no início do século XX no Brasil, sabemos que segundo Souza (2008), os grupos escolares encarnaram o modelo ideal de escola pública primária, instalados nos núcleos urbanos, em prédios especialmente construídos para escola ou em edifícios adaptados, além de terem professores normalistas próprios. Esse modelo organizacional escolar tinha como objetivo ser a

tradução das reformas modernistas, ocorridas no Brasil. Em relação ao currículo destas escolas, entendemos que a divisão em séries de grupos com o mesmo nível de aprendizagem “resolvia um dos maiores problemas encontrados pelos professores das escolas unitárias” (SOUZA, 2008, p. 43), isto é, o modelo escolar isolado, ou unitário. Institucionalizar permitiu organizar as escolas, compondo “uma identidade duradoura na escola primária” (SOUZA, 2008, p. 44)

Feita essa digressão, retornamos aos caminhos de formação do autor. Ao terminar o Ensino Primário, como ainda não tinha idade para ingressar no Ginásio, foi matriculado para se preparar para o exame de admissão no Colégio Teodorico Guimarães. O ensino da escola particular é caracterizado por Pilotto (2004) como sério. O autor se apresenta, em sua obra biografia, como um aluno dedicado. Afirma ter sido aplicado aos estudos durante as madrugadas e aproveitava as férias de inverno para “repassar e consolidar o domínio da matéria do primeiro semestre, uma vez que os exames do fim do ano incluíam toda matéria dada” (PILOTTO, 2004, p. 23) e teve um papel relevante na história da educação brasileira.

Dentre seus professores, durante a fase em discussão, destacamos Dario Vellozo² e Lysímaco Ferreira da Costa³. O primeiro foi seu professor de história:

² Filho de Cyro Persiano de Almeida Vellozo, político curitibano de origem baiana, mudou-se com o pai do Rio de Janeiro para Curitiba em agosto de 1885, aos 16 anos de idade. Em Curitiba, estudou no Parthenon Paranaense e no Instituto Paranaense. Trabalhou em repartição de polícia e na Secretaria da Fazenda do Estado. Em 21 de outubro de 1893, casou-se com Escolástica Moraes. Foi tipógrafo do “Dezenove de Dezembro” (o jornal mais antigo do Paraná), e a partir de 1890, com a criação da “Revista do Club Curitybano”, intensificou seu interesse pela literatura. Colaborou com jornais e revistas, inclusive algumas ligadas à educação, e foi autor de livros de ficção, poesia, história e filosofia. Fez parte do Movimento Simbolista no Paraná, juntamente com Emiliano Pernetta, Rocha Pombo, Nestor de Castro, entre outros. Em 1898, tornou-se professor interino de História Universal e do Brasil no Ginásio Paranaense, efetivado no ano seguinte. Foi professor também da Escola Normal e um dos membros fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, criado em 1900. Em 1909, criou o Instituto Neopitagórico, onde se realizavam discussões sobre obras literárias e se cultivavam valores helenísticos, além de contar com uma editora própria. Em 1918, foi inaugurado o Templo das Musas, que passou a ser a sede do Instituto (prédio e instituição ainda hoje existentes em Curitiba). Como educador, foi autor de dois livros didáticos que foram muito utilizados pelas escolas curitibanas: “Lições de história” (1902), que foi reeditado várias vezes até o final dos anos 1940, e “Compêndio de pedagogia” (1907). Graças a sua produção intelectual como poeta, educador e filósofo, e sua atuação social, exerceu muita influência na vida cultural de Curitiba entre o final do século XIX e início do século XX. Dario Vellozo afastou-se do magistério em 1932 e faleceu cinco anos depois, em 28 de setembro de 1937, aos 67 anos de idade.

³ Nasceu no dia 1º de dezembro. Em 1893, recebe o Diploma do Curso Primário. Prossegue seus estudos no Ginásio Paranaense onde, em 1906, presta concurso nas cadeiras de Física e Química. Em dezembro deste mesmo ano, casa-se com dona Ester Franco da Costa. No ano de 1917, forma-se em Engenharia pela Universidade Federal do Paraná. No ano seguinte, funda e organiza a Escola Agrônoma do Paraná. Em 1924 assume o cargo de Diretor Geral do Ensino do Estado do Paraná, substituindo o então diretor, senhor Prieto Martins. Em 1926, é nomeado Inspetor Geral da Faculdade de Engenharia. No ano seguinte se torna Delegado do Estado do Paraná no Convênio dos Estados Cafeeiros de 1928 a 1930, assume o cargo de Secretário da Fazenda, Indústria e Comércio. Em 1929,

[...] era sempre um aristocrata-poeta, com vocação e força de apóstolo dou D'Artagnant; podemos dizer que não nos ensinava História, pregava-nos categorias históricas: a categoria Grécia, a categoria Buda, a categoria Renascimento etc. Pregava-nos essas categorias, como apóstolo (PILOTTO, 2004, p. 24).

O segundo lhe dava aulas física e química: “cada uma de suas aulas era exemplar” (PILOTTO, 2004, p. 23), este que por sua vez também foi um intelectual que lutou pelos ideários educacionais brasileiros. Nas palavras de Abreu (2008, p. 168) Lysímaco Ferreira da Costa “acreditava que a escola deveria preparar os brasileiros de amanhã”. A autora diz ainda que sua atuação como educador foi intensa e relevante não somente no Paraná, mas sim, a nível de Brasil, “superdimensionando” seu papel.

Segundo Abreu (2008), o Lysímaco participou ativamente da criação da Associação Brasileira de Educação (1924), sendo do mesmo a ideia inicial. Foi responsável também pela primeira Conferência Nacional de Educação (1924), realizada em Curitiba, cujo objetivo era discutir como a educação institucionalizada deveria ser a principal transmissora de valores como higiene, moral e patriotismo. Exerceu também o cargo político de secretário da fazenda do Estado do Paraná (1928-1930).

De volta aos aspectos biográficos que competem nosso objeto de estudo, o intelectual Erasmo Pilotto, sabemos que no ano de 1927 matriculou-se na Escola Normal de Curitiba, onde aos 15 anos de idade, fundou o Centro Cultural Filosófico, com a intenção de reunir jovens interessados em se aprofundar nos estudos filosóficos e artísticos. O centro tinha reuniões mensais de estudo. Em 1928 os estudos continuaram e o grupo passou a se reunir duas vezes por semana. Dentre as intenções do centro estava a tentativa de criar uma universidade popular e a campanha pela Escola Nova.

O centro contribuiu para que Pilotto pudesse refletir livremente adquirindo sua cultura humanística. Dentre os participantes destacamos: Francisco Tiago da Costa, Antonio Faris Salomão, João Roberto Moreira, João da Rocha Loures Sobrinho,

participa do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Paraná. Falece em 23 de julho de 1941.

Antonio Siqueira Gusso, Attilio Regulo Trevisani, que nas palavras de Puglielli *et al.* (1996, p. 12), “se tratavam como irmãos, repartindo livro, roupa, casa e dinheiro”.

O autor em estudo funda também o Centro de Cultura Pedagógica, cujo objetivo foi estudar obras relacionadas à Escola Nova, como o pensamento de Leon Tolstói⁴ e Jean Jacques Rousseau⁵, precursores da mesma. Pilotto (2004, p. 25) nos conta que seu contato com Tolstói foi “uma circunstância puramente acidental”. A Influência do autor foi tão grande para Pilotto, que mais tarde, em 1942, escreveu um ensaio para o mesmo, publicado na segunda parte do livro “Para um Humanismo Individualista, podendo ser encontrado também em sua coletânea Obras I” de 1973. O texto, nas palavras do intelectual, “é uma palavra de todo meu respeito pelo gênio moral de Tolstói” (PILOTTO, 2004, p. 26).

Aos 17 anos fez concurso para professor primário do Estado, sendo imediatamente convidado para assumir a cadeira de Português da Escola Normal de Paranaguá⁶, criada em 1927, pelo então presidente de Estado, Caetano Munhoz Rocha, assumindo seu “voto de professor”. O ensino era segundo Puglielli *et al.* (1996, p. 11), baseado em uma visão superficial de Herbart: “um Herbart em paupérrimas apostilas, todas mais ou menos iguais, variando quase sempre o título matéria, os esquemas interiores rigorosamente repetidos, monótonos, numa simples, mecânica e imperfeita de passos formais”, o que contradizia a visão educacional de Pilotto, “que vinha de Tolstói e, por intermédio de Tolstói, chagara ao Emílio de Rousseau e, daí à Escola Nova” (PUGLUELLI *et al.*, 1996, p. 11).

Cerca de dois anos mais tarde, Pilotto consegue criar uma Universidade Popular, com algumas aulas da Praça Senador Correia de Curitiba e paralelamente

⁴ Tolstói, profundo pensador social e moral e um dos mais eminentes autores da narrativa realista de todos os tempos, depois das suas primeiras obras – entre outras, as autobiográficas Infância (1852) e Contos de Sebastopol? (1855-1856), baseado em suas experiências na guerra da Criméia –, escreveu Guerra e paz (1865-1869) e Anna Karenina (1875-1877). Considerado um dos romances mais importantes da história da literatura universal e uma das obras-primas do realismo, Guerra e paz é uma visão épica da sociedade russa entre 1805 e 1815. Dela emana uma filosofia extremamente otimista, que atravessa os horrores da guerra e a consciência dos erros da humanidade. Fonte: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=607090>.

⁵ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi um filósofo social, teórico político e escritor suíço. Foi o mais popular dos filósofos que participaram do Iluminismo, movimento intelectual do século XVIII. Suas ideias influenciaram a Revolução Francesa. Em sua obra mais importante "O Contrato Social" desenvolveu sua concepção de que a soberania reside no povo. Fonte: <http://www.e-biografias.net/jean_jacques_rousseau/>.

⁶ Até o momento, no estado do Paraná, havia somente mais duas Escolas Normais, sendo estas, nas cidades de Curitiba e Ponta Grossa.

lança oficialmente a campanha pela implantação da Escola Nova, por meio de conferências. Edita também um boletim intitulado “Ideário da Escola Nova”, tendo como resultado, uma publicação com vários exemplares.

Na sequência, tornou-se diretor do Grupo Escolar Professor Brandão em Curitiba, criado no ano de 1911, cujo nome foi escolhido para homenagear o primeiro professor público do Paraná. Foi neste trabalho que conheceu Anita Camargo Pilotto, com quem se casou e viveu ao lado até falecer, dia 22 de abril de 1933. No mesmo ano mudou-se para Ponta Grossa, a fim de dirigir a Escola Normal, e lecionar português, em seguida, prestou concurso para cadeira de Pedagogia e se transferiu novamente para Curitiba, onde a assumiu.

No ano de 1934 foi nomeado para reger a cadeira de Psicologia, Biologia Aplicada à Educação e História da Escola Normal Secundária de Curitiba, e fundou o Jornal Voz da Escola. Em Abril de 1943 cria o Instituto Pestalozzi, primeira instituição de ensino destinada aos ideais da Escola Nova no Paraná, atendendo as crianças em idade pré-escolar. Neste mesmo local, em turno vespertino, funcionava o Curso de Extensão Cultural para as alunas da Escola Normal de Curitiba.

Um dos elementos que caracterizam o instituto segundo Marach (2004, p. 40) “era a primazia por tudo o que é humano. Fundamental para o autor era que o indivíduo determinasse livremente seu papel dentro da sociedade”. Marach (2004) diz ainda que com relação à escola, ao aluno deveria ser deixado um espaço para que, à maneira como entendesse, fosse determinado o modo como seria a sua formação escolar, personalizando-a, conferindo ao processo a originalidade do espírito.

No ano de 1944 ajuda o escritor brasileiro Dalton Trevisan a fundar a Revista Joaquim, sendo uma das mais importantes da década em questão. Segundo Romanovski (2008), a mesma, teve a duração de dois anos (1946 a 1948), compondo um total de 21 números. A autora nos diz que o periódico era independente e se configurou como um marco das artes e da literatura no Paraná, a mesma ficou conhecida por veicular trabalhos de diversos artistas, como Poty Lazarotto e Guido Viaro. “O objetivo era fazer uma oposição explícita as tradições paranaenses, pensando o estado como progressista e moderno, em meio ao contexto de diversas transformações na cultura urbana”, afirma Romanovski (2008, p. 7).

O educador foi responsável pela direção da revista durante os quatro primeiros números. A primeira edição de Joaquim “marca toda orientação posterior, em sua

concepção e até sua redação”, afirma Santos (2004, p. 169), sendo praticamente, toda da autoria de Pilotto.

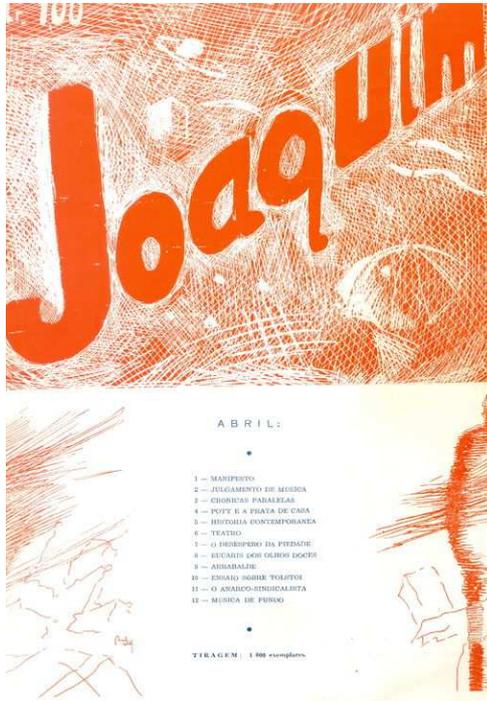


Figura 2: Primeira edição da revista Joaquim em Abril de 1946

Fonte: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=81>.

Em 1949, Erasmo assumiu a Secretaria de Educação e Cultura do Paraná, onde permaneceu até o ano de 1951 quando foi nomeado auditor do Tribunal de Contas do Estado. Como secretário fez profundas transformações, principalmente, nas escolas rurais e do interior do Estado.

Criou, no ano de 1957, a Revista de Pedagogia, com duração de três anos, cujo objetivo era “criar, dentro de uma concepção por ele estabelecida, instrumentos metodológicos que se julgaram eficazes para uma melhoria da escola primária na situação específica do desenvolvimento do Paraná”, afirmou Santos (2004, p. 169). Em 20 de março de 1982, recebeu o título de Professor como Honoris Causa da Universidade Federal do Paraná.

Sintetizando, Miguel (1992, p. 151) apontou os marcos fundamentais da trajetória da Erasmo Pilotto

[...] a atuação junto à Escola de Professores de Curitiba; a elaboração dos Programas Experimentais para o Curso Primário e os Programas para os Cursos Normais Regionais, a elaboração do Anteprojeto de Lei Orgânica; a defesa do direito à escola pública e gratuita, extensiva

à população, com um ensino de qualidade, a busca do envolvimento da comunidade através do trabalho do professor, a fim de atraí-la para a escola e desenvolver, com a mesma, atividades de interação que beneficiassem e trouxessem melhorias tanto à escola como à comunidade; o permanente estudo e trabalho experimental, procurando fugir da “tirania da rotina” sala de aula, desenvolvendo estudos e experiências, principalmente no Instituto Pestalozzi; a procura da adequação do ensino à criança, pensando-a como parte integrante do ambiente social, a fundação da Associação Paranaense de Professores Primários e a criação e manutenção da Associação de Estudos Pedagógicos [...] (MIGUEL, 1992, p. 151).

Além das iniciativas com a criação de revistas, Pilotto, em sua vasta obra, traz elementos da Pedagogia da Escola Nova, que é composta por livros, folhetos e artigos em revistas, que soma um total de 29 itens, contemplando entre os anos de 1940 e 1989:

Título da obra	Ano de publicação
1. Oração de Paraninfo	1940
2. Oração de Paraninfo	1940
3. Reorganização do Ensino Secundário	1949
4. Emiliano	1945
5. A Educação é Direito de Todos	1952
6. João Turin	1953
7. A Educação no Paraná	1954
8. Temas de Educação de Nosso Tempo: teologia pedagógica	1954
9. Problemas abertos no Estudo dos Sistemas Escolares para o Brasil	1958
10. Situações do Desenvolvimento Brasileiro e Educação	1959
11. Direito à Educação	1960
12. Organização e Metodologia do Ensino na Primeira Série Primária nos países em desenvolvimento	1964
13. Prática de Escola Serena	1964
14. Graal, Fatos e Expectativas na Educação na América Latina	1965
15. Problemas de Educação	1966
16. Que se exalte em cada Mestre um Sonho!	1967
17. Para um Humanismo Individualista	1968
18. Theodoro De Bona	1968
19. Dario Vellozo	1969
20. Mallarmé	1973
21. Obras – Volume I	1973
22. Ofélia	1973
23. Obras – Volume II	1976
24. Informe sobre Treinamento de Mestres e Alfabetização	1980
25. Apontamentos para uma Pedagogia Fundamental	1982
26. Mallarmé	1982
27. Mestre de Meninos: notas para um discurso	1984
28. O Mural Redondo	1987
29. Memórias autobiográficas	1989

Quadro 2: Parte da Obra Erasmiana

Fonte: Organização da autora (2014).

As duas primeiras obras citadas no quadro 2 formam uma coletânea de textos que Erasmo produziu nas diversas vezes em que foi convidado para ser paraninfo das turmas em que lecionou. “Dario Vellozo, Theodoro de Bona, João Turin e Emiliano” são ensaios biográficos produzidos para homenagear nomes importantes para o autor.

O livro, “Reorganização do Ensino Secundário”, trata-se da oração de paraninfo, pronunciada por ocasião da colação de grau das normalistas da Escola Normal de Jacarezinho, no dia 5 de novembro deste ano, (PILOTTO, 2004, p. 89), em “Educação é Direito de Todos” tinha como objetivo “por, à vista de todos, problemas, reflexões e soluções sobre a educação pública no Paraná” (PILOTTO, 2004, p. 89) durante a década 1940 e o início dos anos 1950, quando de sua redação.

O texto “A Educação no Paraná”, Erasmo escreve a convite de Anísio Teixeira sob orientação da Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar, compondo uma série de monografias sobre os sistemas estaduais de educação. Pilotto (2004, p. 92) ficou responsável pelo Paraná. “Temas de Nosso Tempo: Teologia Pedagógica”, expõem e debate “correntes atuais da filosofia da educação”.

Já a obra “Problemas Abertos no Estudo dos Sistemas Escolares para o Brasil” traz um estudo sobre a necessidade de rever o esquema escolar brasileiro. Em “Situações do Desenvolvimento Brasileiro e Educação”, objetivo era demonstrar o traçado de uma linha política que atendesse aos problemas educacionais reais encontrados por Pilotto, sem se esquecer de sua maior inspiração: a Educação Nova. Livro este cuja intenção se iguala ao texto “Fatos e Expectativas Novos para Educação na América Latina”.

A obra “Direito a Educação”, “é uma posição aberta e própria, no estudo do referido direito” (PILOTTO, 2004, p. 103):

[...] a educação é direito de todos. Mas a educação confunde-se, na sua amplitude, com a vida humana. Se devêssemos escolher um fato para prová-lo, seria, de certo suficientemente incisivo o de que a condição social e econômica do educando tem importância decisiva para o seu desenvolvimento orgânico e intelectual.

Em relação ao texto “Organização e Metodologia do Ensino na Primeira Série Primária nos Países em Desenvolvimento”, nas palavras do autor “o livro pretende ser um guia capaz de permitir ao mestre da 1ª série primária de nossas escolas comuns, aperfeiçoar a sua técnica” (PILOTTO, 1980, p. 19), e “Prática da Escola Serena”, é a obra destinada a descrição dos ideais, métodos e organização do Instituto Pestalozzi.

Sobre “Graal”, é a oração a professores e ex-alunos, pronunciada na ocasião de sua formatura, mostrando o espírito do magistério de Pilotto. Na leitura de “Problemas de Educação” está a publicação do resumo da reestruturação da Escola Normal do Colégio Novo Ateneu, “Que se Exalte um Mestre em Cada Sonho”, reúne os discursos que Erasmo fazia para as turmas de formandos das Escolas Normais do Paraná:

As palavras que se reúnem neste volume foram dirigidas, sobretudo, a turmas da juventude, em anos vários, à sua saída das Escolas Normais do Paraná. Foram escritas numa linguagem que se pensou ser a mais própria para ser compreendida e sentida pela alma adolescente. Publico-as, agora, com o mesmo espírito com que as pronunciei dirigidas à juventude do magistério primária de minha terra. Escritas em anos diversos, refletem, naturalmente, a mutável vida do pensamento e não lhes deve, por isso, pedir rígida coerência, a não ser a de minha fé permanente da educação, que aspira contribuir para o respeito à “condição humana” e para a “grandeza da vida” (PILOTTO, 1987a, p. 6).

Em, “Para um humanismo individualista”, o autor apresenta o conceito do termo humanista, previamente destacado na obra Problema de Educação. O texto “Obras Volume I” é uma coletânea, onde são publicados quatro textos em livro único: “Pequenos Ensaio, Para um Humanismo Individualista, que Temas da Educação de Nosso Tempo e Direto à Educação”, em “Obras Volume II” publica-se “Mallarmé – Carta a Colombo de Souza, Notas sobre Spinoza, Poeira do Cotidiano e Estudos Paranaense, contemplando Emiliano, Dario Vellozo, João Turin e Theodoro de Bona, Ofélia” é um conto que Pilotto escreveu em parceria com a sua esposa, Anita.

Na obra “Informe Sobre Treinamento de Mestres e Alfabetização”, relata como ocorria o treinamento dos docentes para aplicação do método de Erasmo Pilotto, envolvendo a perspectiva da Escola Nova. Em “Apontamentos para uma Pedagogia Fundamental, há um trabalho de Pilotto dividido em quatro volumes”. O primeiro deles é um apanhado de toda a experiência vivida por Pilotto durante o passar dos anos. O

autor afirma que o volume é para uso pessoal, o terceiro discute o movimento da Educação Nova e o processo de democratização da educação, por último, Pilotto (2004, p. 118) dedica-se ao pensador e escritor alemão Johann Wolfgang Von Goethe, afirmando este ser uma de suas “maiores convivências regulares e formadoras”.

O texto “Mestre de Meninos: notas para um discurso” é também a publicação de um discurso realizado na ocasião da colação de grau de alunos do Curso Normal de Curitiba. O “Mural Redondo”, é a obra de Pilotto em homenagem ao artista curitibano Poty Lazzarotto (1924-1998)⁷, esta que por sua vez fala sobre os mais de quarenta murais presentes na capital paranaense, os mesmos retratam por meio de símbolos, os locais e o cotidiano da vida do curitibano:

Pertencem, como todo seu arquivo, à sua nova escola histórica, que cuida de certas coisas elementares e perfeitas da vida: a memória-imaginação, ou talvez melhor, à impressionabilidade poética do povo e até do Zé-povo. Não do “povo” essa complexidade tantas vezes um monstro ou quase a “dispersão” que se agita no andar das ruas, ou nas conclamações dos comícios. Mas exatamente do povo que parece não ter dito? Corpo nunca, ou matéria; aquele outro que, na hora de sua pureza de alma, o que retém é a passagem de um “Zepellin” sobrevoando a Catedral, isto é, a “praça” da cidade na sua presença mais simbólica (PILOTTO, ‘b, p. 8).

Por fim, damos ênfase as “Notas Autobiográficas, ou Autobiografia”, organizada por Denise Grein Santos e publicada após o falecimento do autor, com autorização de sua esposa Anita. Santos (2004) relata que a autobiografia estava dentro de uma pasta, guardada a pedido de Erasmo, no Instituto Neo-pitagórico e entregue a Anita somente após seu falecimento.

⁷ PotyLazzarotto, foi um importante pintor, ilustrador e muralista curitibano. Estudou litografia na École Supérieure des Beaux-Arts, em Paris, e deu aulas em escolas de arte na Bahia, Recife e Curitiba. Ilustrou livros de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Guimarães Rosa e Gilberto Freire. É autor de várias obras de exposição pública em Curitiba, principalmente murais. Fez, também, os murais da Casa do Brasil, em Paris (1950) e o painel para o Memorial da América Latina, em São Paulo (1988). Fonte: <<http://www.curitiba-parana.net/arte/poty-lazzarotto.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2015.

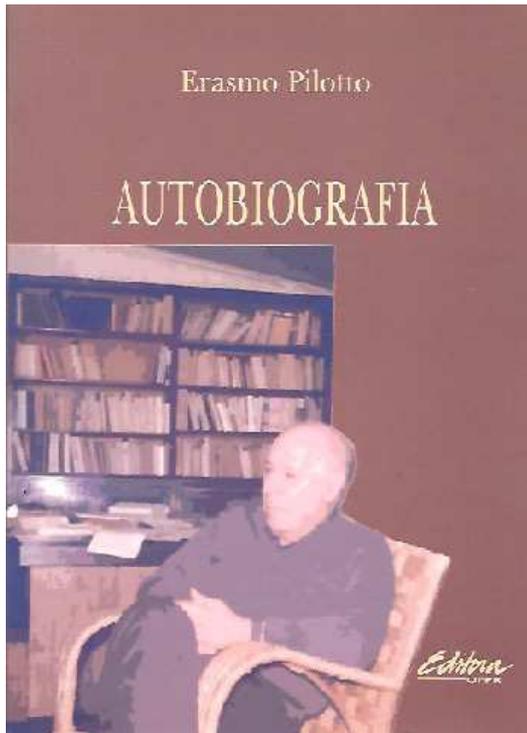


Figura 3: Imagem de capa da Autobiografia do professor Erasmo Pilotto
Fonte: Edição 20. Editora UFPR.

Denise afirma, na apresentação da obra, que aquela é “uma autobiografia verdadeiramente erasmiana: “nada de subterfúgios, superficialidades e banalidades. “Só o essencial, o supremo, o significativo”. Ela nos conta ainda que Pilotto (2004, p. 6) deu ao “relato um cunho didático e apresenta os fatos de forma cronológica”.

2.1 PILOTTO, NA VISÃO ROMÂNTICA, DE ANITA

Anita Camargo Pilotto foi esposa de Erasmo Pilotto e escreveu o livro, “Erasmo: um educador de Alma Romântica” (1986), texto que sustentou a escrita deste item. O objetivo da autora era homenagear seu marido, que conheceu quando ainda era diretor da Escola Normal na qual ela estudava. Em relação ao trabalho realizado por Pilotto na Escola Normal, Camargo Pilotto (1986, p. 53), narra que ele a fez crescer em beleza e grandeza de espírito, trazendo um clima que “não existia antes e não se repetiu depois”.

O livro relata que Pilotto implantou uma nova filosofia na Escola Normal de Curitiba, cujo lema era “educar os futuros educadores”. Segundo sua companheira, o intelectual praticava uma espécie de magistério invisível, isto porque educava sempre, mesmo que “naquele” momento não fosse sua intenção. Seus gestos, palavras e ações eram, por si, educativos.

É também, nas palavras de Camargo Pilotto (1986, p. 59) nessa “espécie esquisita de biografia” que ela mostra o lado “não” político de Pilotto. Apesar de ter sido secretário de educação durante os anos de 1949 a 1951, era contra partidarismo: “Está é a política. A política de aproximação dos elementos de valor, seja dono disso ou dono daquilo, não importa, o que importa é crer sinceramente em construir um Paraná maior” (CAMARGO PILOTTO, 1986, p. 59).

Suas ações, como secretário de educação, foram praticamente voltadas à construção de escolas e a elaboração de estratégias para melhoria e abrangência do ensino. Pilotto tinha uma preocupação especial com as zonas rurais, fundando, segundo Anita, em parceria com o governo federal, cerca de 1.200 escolas isoladas rurais, no ano de 1949. Ele não se demonstrava preocupado com as críticas recebidas por sua falta de opinião política. Camargo Pilotto (1986, p. 58) diz que “ele não se deixava levar, e dizia que se fosse assim preferia deixar o cargo de secretário de educação”.

A obra nos mostra que esse homem de vida pura, simples e quase infantil de tão limpa, da tão pura, não gostava de desperdiçar tempo, fazendo um trabalho amado e metódico, que lhe trazia grande felicidade. Acreditava muito na autoeducação, sendo este um dos temas e preocupações básicas de Erasmo Pilotto. Para Camargo Pilotto (1986, p. 28), Erasmo, acreditava muito na relação professor/aluno: “não sei existe alguma coisa mais agradável para o espírito do que as relações entre mestre e aluno, quando o mestre é verdadeiramente mestre”.

Outro aspecto de sua trajetória, descrito por Anita, é a fundação do Instituto Pestalozzi – fato que será aprofundado no próximo item – no ano de 1943, onde instituiu os ideais da Escola Nova. “A escola ia dos jardins de infância aos cursos de extensão cultural, com grandes aulas sobre Literatura e História” (CAMARGO PILOTTO, 1986, p. 49).

2.2 ERASMO PILOTTO E O CONTEXTO DE SUAS AÇÕES NO ÂMBITO EDUCACIONAL

O objetivo deste item é compreendermos qual o contexto educacional brasileiro e mais especificamente paranaense, durante o período em que Erasmo Pilotto executou suas ações educacionais.

Para discussão deste tópico é fundamental compreender que a Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada em 1924, em São Paulo, tornou-se um marco do redirecionamento político da educação em âmbito nacional, com o objetivo de reunir intelectuais, como Erasmo Pilotto, para suas responsabilidades e deveres em relação aos problemas inerentes à temática mencionada. Para Carvalho (1997, p. 115), “a associação é apontada como principal instância de articulação e propaganda do chamado movimento de renovação educacional, que começou a se desenrolar no Brasil nos anos 20 e 30”.

A ABE não era formada somente por intelectuais da educação, ela contava com advogados, médicos, professores e engenheiros, todos, segundo Carvalho (1997, p. 115) “desiludidos com a República e convencidos de que na educação residia a solução dos problemas do país”. Os participantes “investiam na montagem de um aparelho escolar que assegurasse a organização da nação por meio da organização da cultura” (CARVALHO, 1997, p. 116).

Carvalho (1997, p. 116) argumenta que a associação trabalhava como uma “máquina persuasiva, produzindo imagens da realidade brasileira”, aterrorizando o presente e compreendendo que o futuro só poderia ser diferente se a campanha educacional obtivesse os resultados desejados. O termo educação “abrange o trabalho de construção e de consolidação de uma hegemonia cultural, processo este em curso da intensa mobilização cívica” que é a base do plano educacional proposto pela ABE para nação. Um exemplo prático dessas ações está nos calendários escolares brasileiros do século XX, onde à escola era regida pelas comemorações cívicas.

Segundo Carvalho e Carvalho (2004) a educação cívica também era uma forma de construção do sentimento de nação. Para os autores era necessário formar um novo cidadão, responsável pela nova ordem, respeitando as normas e trabalhando para o engrandecimento do país:

Deste modo, ao proporem educação para todos, estavam colocando ao alcance da sociedade o veículo de acesso ao exercício consciente da civilidade, o que implicava numa série de direitos e deveres. Objetiva-se, então, delegar à educação a função de fornecer os elementos necessários para o estabelecimento de uma sociedade que estivesse amalgamada pelo binômio liberdade-igualdade (CARVALHO; CARVALHO, 2004, p. 2).

Outro argumento utilizado pelos integrantes da ABE em defesa da educação, como cura de todos os problemas, era a questão da higiene, como explica Carvalho (1997):

a inegável gravidade da questão sanitária no país reforçava o poder persuasivo da propaganda educacional. Além disso, a metáfora sanitária é recurso retórico de grande eficiência sensibilizadora: a imagem negativa e um tanto abstrata da ausência de educação é substituída, com vantagem, pela imagem concretizante da doença que induz a imaginação do ouvinte a visualizar, no horror análogo do câncer ou da degenerescência física, os malefícios da situação educacional do país (CARVALHO, 1997, p. 2).

Segundo Miguel (1992, p. 23), os primeiros debates da ABE giravam em torno de que “a educação não poderia mais restringir-se apenas a instituição, mas deveria fundamentar-se na tríplice base: moral, higiênica e econômica”, além de que era necessário construir um sentimento de nação no país, instituindo uma identidade ao povo, recém-libertado da política monárquica, advinda de Portugal. Nas palavras da autora “as ideias inovadoras deveriam estar articuladas a nacionalidade” (MIGUEL, 1992, p. 23), e uma forma de fazer com que isso ocorresse era educar nossa população.

Não podemos nos esquecer também que o Brasil, durante as primeiras décadas do século XX, passou pelo período denominado Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945), tempo este, marcado por medidas centralizadoras de governo. Alguns historiadores compreendem este marco histórico como uma ditadura. O presidente em questão fortaleceu o papel do Estado e recebeu o apoio dos cafeicultores, da indústria, das oligarquias partidárias e da classe média urbana, que viam nele a salvação para o medo causado pelo comunismo e pela expansão da esquerda. As bases de seu governo foram sistematizadas e outorgadas por meio da Constituição Federal de 1937, que dava, ao presidente da república, poderes absolutos. A constituição em questão fechou o Congresso Nacional, as Assembleias

Estaduais e as Câmaras Municipais, deixando o poder judiciário e o poder executivo, diretamente subordinados. Segundo Schelbauer (2014, p. 85):

No Paraná, o contexto analisado foi marcado pela ocupação do território, aumento populacional, surgimento dos novos centros urbanos e colonização das áreas rurais; movimento que, não sem conflitos, foi vislumbrado pelas pessoas da época como um período de progresso e modernização, no qual a educação foi enfatizada como um dos fatores desta modernidade.

No âmbito educacional Getúlio Vargas cria, ainda como chefe do governo provisório (1930-1934), o Ministério da Educação e Saúde Pública, pelo Decreto nº 19.402 de 14 de Novembro de 1930, que prevaleceu durante o Estado Novo. O período histórico em discussão é caracterizado pela crise do modelo econômico agrário-comercial, dando início à estruturação do modelo de produção industrial, criando assim a necessidade de uma escola que preparasse o aluno que atendesse a esta nova demanda econômica. É neste contexto que verificamos ações de intelectuais como Erasmo Pilotto, defensor, da já mencionada Escola Nova, que se opunha à educação tradicional, defendida principalmente pelos educadores católicos.

Miguel (1992) conta que a diminuição do poder das oligarquias e a ascensão de uma classe urbano-industrial, fez com que houvesse a necessidade de pensar uma educação especializada, que preparasse a população para o advento de que é um país que precisava da mão de obra fabril: “as reformas educacionais da década de 20 inseriam-se no processo” (MIGUEL, 1992, p. 24).

Para Romanelli (1978) inexistia até 1930 uma política nacional de educação que subordinasse os sistemas estaduais. As reformas realizadas pela União, até aquele momento, limitavam-se quase que exclusivamente ao Distrito Federal e, embora fossem apresentadas como “modelo”, os estados da federação não eram obrigados a adotá-las.

A autora afirma sobre a necessidade de se reajustar o Estado às novas necessidades da política e da economia, ou seja, “de substituir urgentemente toda estrutura do poder político que contribuiu para criar e manter a crise econômica” (ROMANELLI, 1978, p. 49). É nesse sentido também que “criam-se novas exigências educativas e o fator de defasagem das escolas aparece” (ROMANELLI, 1978, p. 55).

Nas palavras de Fausto (1995) o governo de Vargas adotou uma postura autoritária e o estado tratou de organizar a educação de cima para baixo, mas sem

envolver uma grande mobilização da sociedade, sem promover também uma formação escolar totalitária que abrangesse todos os aspectos do ensino cultural.

O primeiro ministro da educação, após a criação do ministério acima citado, foi Francisco Campos, responsável pela reforma da instrução no estado de Minas Gerais entre os anos 1927-1928, tomou posse dia 18 de Novembro de 1930. Segundo Fausto (1995), seu principal objetivo era formar uma elite mais ampla, intelectualmente mais bem preparada.

Uma de suas primeiras ações, enquanto ministro, segundo Minozzi Júnior (2007, p. 7), foi decretar a volta do ensino religioso, facultativo nas escolas públicas:

[...] essa reforma educacional foi implementada através de decretos nos quais criou o Conselho Nacional de Educação, organizou o ensino superior no Brasil e adotou o regime universitário, organizou a Universidade do Rio de Janeiro, organizou o ensino secundário, o comercial, regulamentou a profissão de contador e complementou sua reforma em 1932 com o decreto que consolidou as disposições sobre a organização do ensino secundário.

A reforma Campos estabeleceu um currículo seriado, o ensino em dois ciclos, a frequência obrigatória e a exigência de diploma de nível secundário para ingresso no ensino superior, segundo Fausto (1995).

Fausto (1995) conta ainda que Francisco Campos tornar-se-ia célebre por ser o principal redator de uma legislação autoritária. Como ministro da justiça, redigiu a carta de 1937 que instaurou o Estado Novo. O autor afirma que anos depois o ministro colaborou ativamente na elaboração das leis autoritárias, após a derrubada do governo de João Goulart (1961-1964) em 1964.

O segundo ministro da Era Vargas foi Gustavo Capanema (1934-1945) que permaneceu por 11 anos até o final do Estado Novo. Em sua função, agiu segundo Quadros (2013), ativamente em prol do ensino primário e da cultura. Teve como assessor-chefe em seu gabinete o poeta Carlos Drummond de Andrade (QUADROS, 2013, p. 15), além disso, a autora traz que muitos outros atuantes da cultura brasileira participaram de maneira integrada às ações de Capanema, como: Mário de Andrade, Cândido Portinari, Manuel Bandeira, Heitor Vila-Lobos, Cecília Meireles, Lúcio Costa, Vinícius de Moraes, Afonso Arinos de Melo Franco e Rodrigo Melo Franco de Andrade

(BOMENY, 2001 *apud* QUADROS, 2013), o que reforça a importância dos intelectuais na constituição da educação brasileira:

Observa-se, neste sentido, que a forma centralizadora e burocrática de direcionamento do Estado não prescindiu da participação de diferentes grupos sociais com pensamentos diversos e propostas diferenciadas. Acrescenta-se a isto o fato de que a integração destes intelectuais nas comissões instituídas para planejar os anteprojetos de legislação pertinentes à educação contribuiu nos rumos dos processos decisórios (QUADROS, 2013, p. 15).

O primeiro estado a realizar a reforma educacional foi São Paulo, que teve como propulsor de sua reforma Fernando de Azevedo, um dos assinantes do famoso Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que comentaremos adiante. Segundo Souza (2012), as reformas da instrução pública, implementadas no estado de São Paulo nas primeiras décadas republicanas, estiveram atreladas a projetos políticos de difusão da educação popular, com vistas a manter o regime republicano e a modernizar a sociedade. E foi dessa forma, tentando atender a esses objetivos, que o mesmo ofereceu às demais regiões brasileiras a imagem de aparelho escolar moderno, articulado, orgânico e bem sucedido. O estado passou, segundo Souza (2012), por quatro reformas da instrução pública, respectivamente nos anos de 1892, 1920, 1925 e 1927.

A primeira delas é marcada pela lei de reforma da instrução pública que estruturou o ensino primário, criando os grupos escolares, que deram origem a rituais, como o hábito de cantar o hino nacional e cultuar a bandeira. Estratégias adotadas por um país que precisava construir o sentimento de nação em seus filhos. Souza (2006), alerta ainda, que a escola primária graduada não foi implementada nos estados brasileiros de forma linear, ela aponta que existiu divergências e distinções na apropriação do modelo cultural em circulação. O novo modelo escolar criou a necessidade de mudar os currículos e a organização da escola, que passou a ser dividida em classes, tornando seus conteúdos universais e valorizando a racionalidade e a diversidade pedagógica.

O Paraná foi o segundo Estado a fazer a reforma educacional, considerada à época, inovadora, qual seja, aderir aos princípios do escolanovismo que circula juntamente com o modelo de Escola Normal, propagado no país no início do século XX, do qual São Paulo é o Estado precursor. Miguel (1992, p. 33), afirma que:

a educação pública no Paraná, como parte integrante do conjunto nacional, alinhava-se ao modelo educacional liberal, que privilegiava a educação escolar apenas nos cabeçalhos das leis e discursos. Nesses recomendava-se ao administrador olhar cada escola como um templo onde era cultivada a família e pátria e o lugar onde era possível fazer, de cada brasileiro, um cidadão consciente de seus deveres cívicos e um real valor para a nacionalidade.

Para que as mudanças de fato começassem a sair dos “cabeçalhos, leis e discursos” foi necessário que a população percebesse a importância da escola liberal e isto ocorreu quando os mesmos começaram a fazer parte da sociedade burguesa, estabelecendo, portanto, novas relações de poder, vendo na instrução à possibilidade de acesso as novas formas de organização social.

Nesse sentido nos deparamos com uma sociedade que estava resignificando seu modo cultural de viver, pois, a nosso ver, as relações sociais não estão somente ligadas às relações de produção. A cultura também é parte resignificadora para as relações sociais. Segundo Silva (2006), se vista como prática de significação cultural, a educação, não pode deixar de ser relação cultural. Portanto, estamos diante do contexto de uma sociedade que queria se resignificar e construir, na perspectiva do autor, sua posição, enquanto sujeito social. A instrução era tida, nesse sentido, como o meio de construção de identidade dessa nação, que queria pertencer a um novo grupo social, sendo a cultura umas das mais importantes produtoras de identidades sociais.

Segundo Veiga (2007), os movimentos de renovação da Pedagogia e da prática escolar estiveram sintonizados com as novas dinâmicas da sociedade: o desenvolvimento das ciências e das novas tecnologias, a extensão do modo de vida urbano, o trabalho industrial, as novas profissões, a consolidação do capitalismo, a heterogeneidade social. Além de que se ampliaram as participações políticas e lutas pela democracia.

A Educação Nova, nas palavras de Miguel (1992) inscrevia-se no projeto de construção da nacionalidade, não apenas como métodos e técnicas desenvolvidos em sala de aula, mas como o conjunto de ideias educacionais renovadoras, subsidiadas no processo científico da Psicologia, da Biologia e da Sociologia, abrangendo também as medidas racionalizadoras da organização escolar. Nesse

sentido a autora traz indicadores que permearam a implantação desse modelo escolar no Paraná (MIGUEL, 1992), educação como forma de preparar o sujeito para sociedade urbano-industrial; a Pedagogia passa a ser identificada como ciência pedagógica, fundamentando-se em outras ciências; é dada ênfase a observação e experimentação, valorizando a situação de laboratório no processo de ensino-aprendizagem, manifestada nas escolas de Aplicação anexas às Escolas Normais.

O objetivo das reformas ocorridas durante a primeira república no Brasil, segundo Araújo, Souza e Pinto (2012), era de implantar a escola primária moderna. Segundo Souza (2012), a história do ensino primário passou a ser investigada no Brasil, com base em novas abordagens e interpelações epistemológicas, sendo explorada sob uma multiplicidade de temas e objetos, o que demonstra a complexidade da temática.

A profunda movimentação de intelectuais, ocorrida em função do movimento de reforma educacional em nosso país, fez com que nascesse o documento “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932”⁸. O texto em discussão foi redigido, assim como citado anteriormente, por Fernando de Azevedo, levando a assinatura de mais 26 representantes da elite intelectual, como Anísio Teixeira, Cecília Meireles, Roquette Pinto e Afrânio Peixoto. O Manifesto apresenta a luta política por uma escola pública, laica, gratuita e de qualidade, que padronizasse nacionalmente o ensino e objetivasse que o processo como um todo englobasse a unidade, sendo de caráter descentralizado, moldando e induzindo o pensamento do aluno, de tal forma que pudesse se superar transpondo a superficialidade.

Os pioneiros da Educação Nova eram contra a escola tradicional, que tinha como princípio a reprodução dos conteúdos pelo método de dedução, seguindo sempre um determinado modelo. Conforme o manifesto, os professores deveriam passar a trabalhar tendo como base o método de indução, que é baseado em explicar primeiramente o mais simples e comum, avançado para os conteúdos mais complexos. Dessa forma o professor não ensinava apenas a síntese dos processos, pelo contrário, a metodologia aqui apresentada é caracterizada por guiar o aluno a construir seu próprio conhecimento. O documento do manifesto faz uma reflexão que as experiências e as necessidades do aluno são tidas como fundamentais. Nesse

⁸ MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova. **A Reconstrução Educacional do Brasil. Ao povo e ao Governo.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

sentido, compreendemos que os alunos passariam a dominar o processo de aprendizagem em sua totalidade.

Não podemos deixar de destacar ainda, que o avanço da psicologia e das ciências naturais proporcionou ao ideal escolanovista uma nova concepção de vida, desenvolvendo um olhar crítico e científico para os problemas da educação, sendo esta a principal diferença entre escola nova e então denominada escola tradicional. Nesse sentido apresentaremos, no item a seguir, a apropriação de Erasmo Pilotto acerca da Escola Nova, destacando sua experiência frente ao Instituto Pestalozzi.

2.3 A IDEALIZAÇÃO DA ESCOLA PERFEITA: SUA MATERIALIZAÇÃO NA CRIAÇÃO DO INSTITUTO PESTALOZZI

[...] a escola primária comum não pode pensar em fazer do aluno nem pescador, nem agricultor, nem marceneiro, nem qualquer outra coisa assim. A obrigação dela é dar aos seus alunos um certo tanto de educação geral. É essa educação geral, essa educação que todos os indivíduos devem ter, qualquer que seja o que eles venham a ser mais tarde, que a escola primária deve procurar dar a todos. Isso e nada mais (PILOTTO, 1964b, p. 105).

A respeito desse marco na vida de Pilotto, trazemos as contribuições da obra “Prática de Escola Serena” (1964), que teve por objetivo descrever como funcionou o Instituto Pestalozzi, pelas palavras de seu fundador. Para o autor, “a ideia que inspirou a sua organização material foi a de fazer uma casa para as crianças, de tal modo que muitas pudessem ali viver como se estivessem em um lar concebido expressamente para elas” (PILOTTO, 1964b, p. 16), essa afirmação nos remete a pensar sobre o conceito de educação que permeava as ações de Erasmo Pilotto que afirmava sempre pensar no bem estar individual dos alunos.

O local escolhido para efetivação do instituto era uma casa adaptada: “sendo uma casa procurou-se eliminar a sala de aula, substituída por uma sala de estar, uma sala de brinquedos, uma sala de refeições, etc” (PILOTTO, 1964b, p. 16), compondo uma estrutura completamente diferente dos padrões de instituição tradicionais da

época. O autor descreve que tudo dentro do Instituto Pestalozzi foi projetado de forma bastante flexível, caracterizando um espaço facilmente modificável e adaptável: “tudo pode ser levado para baixo das árvores, dos caramanchões, nas sombras, por toda parte” (PILOTTO, 1964b, p. 17).

Os conceitos da Escola Nova, também podem ser facilmente identificados nas palavras do autor, que acreditava que cada indivíduo, recebendo as orientações necessárias e sendo colocado em um ambiente propício, conseguiria construir seu próprio conhecimento. Para tanto, a escola, segundo Pilotto (1964b), possuía ainda caixa de areia e animais como formigas, peixes, tartarugas, jabutis, galinhas, pintinhos, coelhos, pata, canário, ratos brancos e pombas, contava ainda com um jardim de rosas e com uma horta cheia de pés de milho, que passavam da altura da professora. As crianças também tinham acesso a uma garagem transformada em Centro de Arte, onde modelavam barro, pintavam telas e faziam trabalhos de marcenaria em uma mesa adaptada para isso.

Existia também “uma sala, onde as crianças deixavam seus objetos de uso individual (entre esses objetos, cumpre salientar o seu macacãozinho, de uma cor que ficava livre os pais escolherem, e que era o uniforme do Instituto: uma roupa para todos os usos, para sujar, que se vestia, no verão, sozinha, e, no inverno, sobre roupas quentes. As crianças eram levadas a vestirem-se sós, diminuindo progressivamente o auxílio que se lhes concedia). O nome da criança estava escrito no lugar que lhe correspondia e as crianças, em geral, sabiam lê-lo e conheciam-lhes as letras, sem maior esforço” (PILOTTO, 1964b, p. 19).

Os educandos contavam ainda com pequenos objetos de limpeza doméstica, pois as crianças deveriam cuidar da “sua casa”, além de instrumentos musicais para o ensino de música, uma vitrola e uma coleção de discos, inclusive clássicos, um pequeno museu, cheio de curiosidades trazidas pelas próprias crianças e uma coleção de tábuas inteiras, uma rede, em uma das melhores sombras do pátio, e uma coleção de meios tijolos.

Outra diretriz do trabalho realizado no Instituto era o teatro e música. A escolha dessas artes se dava pelo fato de que a escola, segundo Pilotto (1964b), tentava agir com o preceito de que os educadores muitas vezes se esquecem de olhar para a criança e focam seu trabalho em torno do adulto, que um dia a criança vai se tornar, para tanto, nas palavras do autor, procurava-se suprimir todo o ato mecânico, toda a

imitação que não trouxesse um acento de criação, tudo que fosse reprodução ou cópia simplesmente: “Conduzimos as crianças a criar, a criar sempre. De par com isso, estivemos animados da ideia de que a criança pode e deve estar em contato com os valores mais altos da cultura humana” (PILOTTO, 1964b, p. 22).

Para cumprir com o exposto no parágrafo acima, “eram realizados exercícios muito simples sobre ritmo, dados em forma de histórias dramatizadas, também era utilizada a ginástica rítmica dramatizada” (PILOTTO, 1964b, p. 24). A vontade do Instituto Pestalozzi era que o teatro escolar tivesse na escola a mesma categoria de importância do desenho, da modelagem, do canto, da literatura, das outras artes, enfim, e pela mesma razão. Porém, havia quem criticasse esses ideais, dizendo que o ensino “excessivo” das artes, comprometeria o de outras ciências, tidas como mais importantes, como a aritmética, por exemplo. Apesar disso “o Instituto aplicava a dramatização como fator importante no processo de aprendizagem das crianças. Para isso possuíam um palco de fácil montagem/desmontagem e faziam pequenas apresentações internas” (PILOTTO, 1964b, p. 26).

O objetivo das dramatizações, apresentado pela obra em discussão, era que “as crianças realizam uma interpretação muito livre e pessoal, de uma espontaneidade e de uma alegria que seria impossível conseguir si se tratasse de cenas comuns escritas para o teatro infantil” (PILOTTO, 1964b, p. 26). O teatro do Instituto deveria ter alegria, espontaneidade, criação, vida e plenitude, como elementos básicos.

Em relação ao ensino das matérias tradicionais, contemplando, o ler, contar e escrever, Pilotto (1964b) procurava levar o educando ao seu maior desenvolvimento. Tentavam ver as coisas despidas de seus elementos teóricos, no seu aspecto mais material e prático, em sua forma de realização. Para o intelectual, a escola deveria ser contra tudo aquilo que é um crime para homem, contra o crime nas suas formas mais múltiplas, contra a guerra, contra a miséria, etc.

Em complemento ao que já foi dito em parágrafos anteriores, sobre Pilotto (1964b) ver cada educando como único, ele nos diz: “é preciso amar cada criança, pelo que ela necessita pelo que ela tem de imperfeito, pelo que ela pode representar como aspiração de grandeza e de glória, pelas forças criadoras que nela se encerram”, e completa: “dia por dia, em todos os cursos, é preciso que a escola seja uma criadora de ideais. Esta é a sua tarefa fundamental” (PILOTTO, 1964, p. 40). A

escola buscava também a ajuda de outros profissionais curitibanos, que quisessem dar sua contribuição, como pintores, musicistas, atores, escultores e literatos.

Preocupados com a formação plena do indivíduo, o Instituto Pestalozzi oferecia os Cursos de Extensão Cultural. Pilotto (1964b, p. 52) acreditava que:

[...] em verdade, entre nós, bem poderíamos dizer que a verdadeira cultura, aquela de bases sólidas, aquela que procura fazer-se sobre os grandes valores humanos, cultura de profundidade, de concentração, basilar, só começa o brasileiro a fazê-la muito tarde por sua própria conta. O brasileiro, na formação de sua cultura, em quase nada tem podido contar com a contribuição das escolas.

Os cursos eram oferecidos a quem quisesse complementar sua formação e eram oferecidos em horário de contra turno, feitos, segundo Pilotto (1964b), com o pensamento não de dar aos que o frequentem uma série de loções? escolares, mas de proporcionar-lhes, em momentos agradáveis, um contato com os valores mais nobres da cultura e da vida. O plano era estudar devagar e de modo ameno, não muitos temas, poucos, porém, profundamente.

Na obra o autor fala ainda do plano pedagógico geral do Instituto Pestalozzi, cujo principal objetivo era “organizar um sistema educacional; constituir-se um centro de cultura e investigação pedagógicas; e vulgarizar conhecimentos científicos sobre educação (PILOTTO, 1964b, p. 42). A apresentação de seu plano geral de organização se deu pelo fato de Pilotto acreditar que o Instituto possuía um esquema útil de organização educacional.

Em seguida ele chama atenção para importância das pesquisas em qualquer tipo de escola, principalmente as de nível universitário e completa:

[...] de resto, cada dia mais, hoje, compreendemos que, na escola primária, quase não é possível separar o labor educativo da investigação científica, pois a sua tarefa diária de educar, o professor só pode cumpri-la plenamente si tem espírito de cientista e está, a todo o momento, criando ciência pedagógica (PILOTTO, 1964b, p. 43).

O autor não poderia deixar de mostrar na obra em estudo, sua preocupação com a Escola Primária e assim afirma:

É necessário que nós nos coloquemos em um novo ponto de vista em relação à função da escola primária e aos trabalhos do mestre. De

início, é necessário compreender que um programa escolar não pode ser um mero registro de matérias a ensinar. É um plano de trabalho, e a função do mestre não pode ser um mero registro de matérias e ensinar. É um plano de trabalho, e a função do mestre não pode estar limitada à função elementar da ministração de conhecimentos (PILOTTO, 1964b, p. 46).

Assim compreendemos, sob a ótica de Pilotto (1964b), que as escolas primárias não deveriam ter finalidade profissional, apenas dar ao aluno um mínimo de experiências necessárias a todos os indivíduos, indistintamente, não cabendo diferenciações para ambientes, como o caso da escola rural e da escola urbana. Para Pilotto (1964b, p. 47), a Escola Primária: “deve ser um centro de vida social da localidade e o professor um líder. A sua função não pode estar adstrita ao trabalho com as crianças, ao trabalho de alfabetização, ao ensino das matérias. Precisa refletir sobre os problemas locais de organização do trabalho”.

2.4 PILOTTO, INEP E O PANORAMA DO ENSINO PÚBLICO ELEMENTAR NO PARANÁ: UMA AÇÃO POLÍTICA

Erasmio Pilotto, dentre muitos outros trabalhos, foi convidado no ano de 1954, pela Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar (CILEME) a realizar um estudo sobre o Paraná. O objetivo do trabalho realizado por Pilotto (1954) era interpretar e compreender a escola brasileira, em suas qualidades positivas e negativas, no já citado período. Vale ressaltar também que o projeto do CILEME, foi uma iniciativa do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), na época, dirigido, pelo também intelectual, Anísio Teixeira.

No desenvolvimento da obra em destaque, Pilotto (1954) executou um levantamento sobre o ensino público elementar e médio no Estado do Paraná. Em primeiro plano, ele apresenta fundamentos geo-sociais do estado, dividindo-o em duas grandes regiões: a do litoral e a do planalto, separadas pela Serra do Mar. A preocupação em evidenciar os aspectos geográficos do Paraná se deu, pois o autor afirma que os mesmos foram decisivos na configuração da cultura paranaense.

Segundo Pilotto (1954, p. 12), “a linha histórica do desenvolvimento do Paraná, começou em Paranaguá, por motivo do ouro. Depois o homem transpôs a Serra do Mar e começa Curitiba, que desde cedo será um centro de expansão do Brasil, com as bandeiras curitibanas”.

Outro fator que configura o panorama da década de 1950 é o aumento populacional dos anos de 1940, causado principalmente pela vinda de imigrantes europeus, para trabalhar na agricultura. Como consequência disto, da falta de estrutura e de saneamento básico, tínhamos, segundo Pilotto (1954, p. 26), as seguintes doenças: “Tracoma, Leishmaniose, Tétano, Doença de Chagas, Pênfigo foliáceo, Blastomicose, Escabiose, Raiva, Sífilis, Dartro Volante e Bócio endêmico”.

Além das doenças, outra problemática que contribuía para o mau desempenho escolar das crianças do estado era, nas palavras do autor: a falta de materiais, falta de comprometimento dos pais, trabalho na lavoura e a falta de entendimento da importância do processo de escolarização. Segundo Pilotto (1954, p. 75), “o trabalho agrícola era para fins de subsistência, por meio dele os indivíduos tinham o que comer ou vestir e que muitas salas de aula não contavam sequer com quadro-negro”.

O contexto que apresentamos até o presente momento, descrito por Pilotto (1954), evidencia sua preocupação em relação às populações desfavorecidas. O intelectual pensava muito em que tipo de escola dar as crianças que viviam em áreas rurais e desprovidas de apoio governamental, e mais ainda, pensava que tipo de escola dar a cada tipo de povo, a cada tipo de necessidade. E ainda sobre os percalços educacionais, dizia que “a educação sofre tirania da rotina. Muitos os elementos determinantes da rotina” (PILOTTO, 1954, p. 95), o que justifica, por exemplo, seu olhar para a população rural.

Fala-se ainda da organização do trabalho da Escola de Professores de Curitiba, na década de 1950:

[...] desdobra-se nossa atividade em dois campos, num procurando-se a formação prática, eminentemente prática dos alunos, e noutro procurando-se pô-los em contato com os Princípios, com as Idéias Gerais, ao mesmo tempo que procurando familiarizá-los com tudo que signifique exercício das duas faculdades de criação e liberação (PILOTTO, 1954, p. 96).

Pilotto (1954, p. 96), continua a discussão sobre a evolução do processo de formação dos professores do Paraná, contando que “a última medida nesse setor foi à disseminação, no interior do Estado, de cursos normais regionais, isto é, escolas de formação de professores dentro do 1º ciclo do grau médio, exigindo-se, porém, a idade mínima de 13 anos para ingresso”. A política de expansão das escolas de formação ocorreu, porque os professores formados nos centros urbanos não queriam se deslocar para as cidades interioranas e para Pilotto (1954, p. 97-98) isso foi “sem dúvida, um grande capítulo da história da educação do Paraná”. Apesar da criação de 24 cursos normais regionais, havia um novo desafio: o de obter bons professores. A solução encontrada foi, segundo o autor, organizar verdadeiros comandos: dois ou três professores, altamente capazes, que deveriam tomar a incumbência total da vida da escola.

Pilotto (1954, p. 98) destaca também, que as escolas normais regionais tiveram grande sucesso, “pensavam com grandeza no magistério”, e para ele esse é mais “um grande capítulo da história da educação do Paraná”. No final de 1953, formaram-se as primeiras turmas, com um total de 253 alunas.

No texto encontramos também a citação de muitas leis importantes para história da educação paranaense. As primeiras ações a serem destacadas foram realizadas após a emancipação da província do Paraná, em 19 de dezembro de 1853, ocorrida em função das revoltas liberais nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo. Assim foram empreendidas as primeiras formas de organização do ensino, independentemente das escolhas paulistas. Entre os anos de 1856 e 1857 organizou-se a instrução primária e foi elaborado o primeiro Regulamento Geral da Instrução Pública da Província do Paraná. Elegeu-se também, segundo Pilotto (1954, p. 107), “um inspetor geral para os assuntos educacionais: Venâncio José de Oliveira Lisboa”.

Verificamos ainda a Lei nº. 456 de 12 de abril de 1976: “dando organização à Instrução Pública da Província e, a 16 de Julho do mesmo ano, baixava o Regulamento Orgânico da Instrução Pública da Província do Paraná” (PILOTTO, 1954, p. 108). Ambas foram assinadas pelo presidente Adolfo Lamanha Lins. O autor destaca ainda o artigo 1º, § 12, que instituía a criação de um conselho literário, junto a também criação do Instituto Paranaense, que era escola de nível secundário, fundamental do Estado, funcionando articuladamente a Escola Normal do Paraná.

Assim, “a direção dos negócios públicos da educação compete ao Presidente da Província, ao Conselho literário e ao Diretor Geral da Instrução Pública” (PILOTTO, 1954, p. 109).

Era de responsabilidade do Conselho literário:

- Dar parecer sobre todos os assuntos em que for consultado pelo seu presidente;
- Propor ao governo da Província todas as medidas que julgar necessárias para o desenvolvimento do ensino;
- Julgar as faltas dos professores;
- Proceder qualquer dos seus membros por faltas cometidas do exercício do magistério;
- Adotar os compêndios para as aulas primárias e secundárias da Província;
- Louvar os professores, ouvindo o Diretor Geral, que se distinguirem pelo seu merecimento;
- Examinar e adotar os melhores sistemas práticos de ensino;
- Reclamar do governo a criação de escolas públicas, e habilitar o Diretor Geral a mandar por em concurso as que estiverem vagas;
- Organizar semestralmente um mapa dos professores que devem ter acesso, o qual será remetido ao governo;
- Dar as bases para qualquer reforma ou melhoramento de que carecer à instrução;
- Confeccionar o Estatuto do Instituto e da Escola Normal;
- Determinar os exames anuais dos alunos dos cursos secundário e normal;
- Discutir uma memória histórica do relatório anual das necessidades da instrução a cargo do estabelecimento, cometido este trabalho a um professor escolhido pelo Diretor Geral;
- Organizar a folha para o pagamento das lentes do Instituto e Escola Normal, a qual será assinada pelo secretário;
- Providenciar, o que não for atribuição especial do Diretor Geral.

Ao Diretor Geral também cabiam funções específicas e o mesmo deveria ser escolhido entre os professores do Instituto. Seu papel era promover a função intermediária entre conselho literário e governo.

A Escola Normal deveria obedecer ao mesmo regulamento, descrito anteriormente, destinado ao conselho literário, o que deu ao Instituto Paranaense, um caráter, segundo Pilotto (1954, p. 112), de Instituto orgânico e geral, o que levou em 30 de Março de 1891 a aprovação do Regulamento da Instrução Pública, “neste, a definição das atribuições do Conselho e do diretor geral praticamente repete as disposições de 1876”.

Após isto, a ideia dos conselhos retorna na legislação paranaense no ano de 1948: Erasmo Pilotto, junto aos demais membros da secretaria de educação remete ao governados um anteprojeto de organização do ensino, onde se retorna a ideia de um Conselho Estadual de Educação:

Preconizamos, então, que o Conselho fosse um órgão, não técnico como se pretendia, mas representativo da sociedade a que a educação devesse servir. A secretaria teria, em sua estrutura, os seus órgãos eminentemente técnicos, cujo trabalho seria articulado com o do Conselho (PILOTTO, 1954, p. 114).

A respeito dos novos projetos de Erasmo Pilotto trataremos na próxima seção de como estes se desenvolveram em prol da formação de professores primários no Paraná. Para tanto discorreremos acerca de suas ações enquanto secretário de educação (1949-1951) onde defendeu uma escola primária única, comum e com um tipo de educação que ele denominou de “geral”.

3 AÇÕES POLÍTICAS DEFENDIDAS POR ERASMO PILOTTO FRENTE À FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS NO PARANÁ

Erasmus participou ativamente das primeiras eleições governamentais que se realizaram no Paraná após a redemocratização do país, mesmo rejeitando expressamente a política de partidos.

Os dois principais candidatos foram Moysés Lupion, um empresário bem-sucedido, aglutinado à nova classe média, lançado pelo Partido Social da Democracia Brasileira – PSDB e sob a sigla da UND um engenheiro e intelectual Bento Munhoz da Rocha Netto, filho do ex-governador Affonso Camargo, representando o tradicionalismo paranaense. Em 1946, o intelectual coordena e redige o plano de governo de Lupion (1947-1951; 1956-1961) que só depois de dois anos, na metade do mandato, o convoca para assumir o cargo de secretário da educação do Paraná, onde teve suas ações voltadas à construção de escolas isoladas rurais, fundando cerca de 1.200 instituições de ensino. Sobre sua nomeação o autor diz:

Não sei se tenho mais fígado. Neste momento toda minha vida se encontra concentrada no cérebro e nos nervos. É o retorno, para mim emocionante, de velhos dias. Eu, que não conheço outro sentido para vida senão esse, posso definir esses dias com a palavra plenitude. Sei que no final estarei exausto. Mas só essa pequena morte é vida. E a tarefa é árdua, porque temos de proceder cautelosamente contra a rotina, no Estado em que a reação tem os seus mais fortes bastiões (PILOTTO, 2004, p. 74).

A citação de Pilotto (2004) traz exatamente o que foram seus anos frente à secretaria, ele vivera somente para o cargo, buscando agir com as próprias mãos. Apesar de ser um entusiasta escolanovista, o autor tinha consciência de que seria impossível implantá-la em dois anos, e assim, lidando com as reais possibilidades, cria o que ele denomina de “Programas Experimentais: era um plano para implantação do melhor possível, nas circunstâncias” (PILOTTO, 2004, p. 75).

Segundo Schelbauer e Gonçalves Neto (2013, p. 87) “75% da população paranaense nas décadas de 1930 e 1940 residiam na zona rural, o que resultou na centralização dos debates educacionais do estado, procurando, principalmente, diferenciar escolas rurais e urbanas” (SCHELBAUER; GONÇALVES NETO, 2013,

p. 87). Para fundamentar esta afirmação, os autores citam a obra de SudMennucci: “A Crise Brasileira da Educação” (1934), por defender escolas diferentes para o homem do campo e da cidade; além de explicarem que a forma tomada pela educação rural do Estado e seu processo de institucionalização e expansão ocorreu entre as décadas de 1930 e 1950, período de atuação do intelectual tomado como objeto deste trabalho, sendo sua história descontínua.

Para os últimos citados, o governo de Moysés Lupion foi marcado pelas políticas de colonização e povoamento das áreas no Norte, Oeste e Sudoeste do estado, colocando o Paraná como destaque na produção e exportação de café. Neste contexto segundo Schelbauer e Gonçalves Neto (2013, p. 84), fazia-se considerava-se necessário civilizar a população que habitava o meio rural, ensinando além dos conteúdos regulares, hábitos de higiene e a valorização da vida no campo: “manter o homem do campo no campo, mas em condições de tornar o campo moderno, de modo a implementar a economia associada ao rural”.

Diante disto, Erasmo constituiu os ideais de sua estada como Secretário de Educação. Queria então o desligamento das escolas rurais em relação à Secretaria de Agricultura, defendendo uma Escola Primária única e comum, com uma educação geral. Os resultados de suas ações foram sintetizados nas obras: “Prática da Escola Serena” e “A Educação no Paraná: síntese sobre o ensino público elementar e médio”.

3.1 ERASMO PILOTTO COMO SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

Erasmo Piotto assumiu a secretaria da educação e da cultura do Paraná em 31 de Janeiro de 1949 e permaneceu no cargo até dia 29 do mesmo mês, do ano de 1951. Sobre esta fase de sua trajetória Piotto (2004, p. 75) afirma: “durante dois anos, permaneci na direção geral. Dois anos de trabalho entusiasta e fervoroso, a que entregamos todos com absoluta devoção. Dois anos sem festas nem férias, vivendo só para o cargo”, mas, completa: “Eu, que não conheço outro sentido para a vida senão esse. Posso definir esses dias com a palavra plenitude. Sei que no final estarei exausto. Mas só essa pequena morte é a vida. E a tarefa é árdua, porque temos que

proceder cautelosamente contra a rotina, no Estado em que a reação tem os seus mais fortes bastiões” (PILOTTO, 2004, p. 74).

Sempre engajado frente às reformas educacionais, Pilotto e os demais membros da secretaria de educação elaboraram, em 1949, um Anteprojeto de Lei Orgânica da educação, e aí o Conselho Estadual de Educação e Cultura adquiria uma nova estrutura contando também com a criação de Conselhos municipais de educação e cultura. Os principais objetivos do anteprojeto estão relacionados no quadro abaixo:

Objetivo	Descrição
I. Melhoria das condições educacionais	Proporcionar a todos os habitantes do Estado condições para uma educação que, inspirada nos princípios da solidariedade humana e da liberdade, assegure a cada um pleno e adequado desenvolvimento de suas aptidões; contribua para a formação de uma vida coletiva sempre melhor; realize a integração do educando na sociedade brasileira e, em particular, no seu ambiente regional.
II. Aprimoramento cultural	Promover o desenvolvimento cultural do Estado com a preocupação, sobretudo, de penetrar na massa da população, para elevá-la espiritualmente, com base no princípio de que só a liberdade pode ser ambiente propício à cultura.

Quadro 3: Principais objetivos do anteprojeto de Lei Orgânica desenvolvida por Erasmo Pilotto
Fonte: Organização da autora (2014).

Além disso, propõe que todos os serviços públicos da educação e cultura do Estado do Paraná fossem administrados pela Secretaria da Educação e Cultura, sendo composta por uma organização específica, qual seja: Conselho Estadual de Educação e Cultura, Conselho Municipal de Educação e Cultura, Secretário de Educação e Cultura, Gabinete do Secretário, Departamento Estadual da Criança, Departamento de Cultura, Departamento de Educação, Escola Paranaense de Pedagogia, Museu Paranaense e Departamento Administrativo.

Em relação ao sistema escolar, apresentamos suas intenções de constituição por meio do Quadro 4:

O sistema educacional deveria ser constituído por
I: Unidades de educação para crianças e jovens normais ministrada no tempo normal;
II: Unidades de formação geral;

III: Unidades de grau pré-primário, para criança de 3 a 7 anos, sendo estes jardins de infância, casas das crianças e instituições da mesma natureza;
IV: Unidades de grau primário para crianças de 7 a 11 anos, priorizando as habilidades de leitura, escrita, cálculo e hábitos e atividades úteis a vida comum. Sendo estas rurais, urbanas, isoladas, reunidas, internatos ou grupos escolares;
V: Unidades de primeiro ciclo de grau médio para alunos de 11 a 14 anos com o objetivo de ampliar a cultura geral, orientando-os quanto à vocação profissional;
VI: Unidades de formação especializada para aqueles que tenham aptidões intelectuais superiores, levando-os a um caminho de fomento de pesquisa e organização da cultura;
VII: Unidades de educação supletiva e educação de adultos;
VIII: Unidades de educação especial, para crianças com retardamento;

Quadro 4: Unidades de constituição do sistema educacional

Fonte: Organização da autora (2014).

Segundo Pilotto (2004, p. 77), “o anteprojeto foi aprovado, em primeira discussão, na Assembléia Legislativa do Estado e em seguida teve sua tramitação abruptamente interrompida em definitivo”.

3.2 ERASMO PILOTTO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS POR MEIO DOS PROGRAMAS EXPERIMENTAIS

Pilotto (1952) via como ao maior problema da escola isolada rural, a falta de mestres com cursos próprios em Escolas Normais. Para ele, a criança da zona rural tinha direito a um professor especificamente formado a sua função.

A política da formação de professores no Paraná estava apoiada na existência de Escolas Normais apenas nas maiores cidades do Estado, na época, quais sejam: Curitiba, Jacarezinho, Paranaguá, Ponta-Grossa e Londrina. O problema é que esta política formava um paradoxo de possuir um número exagerado de professores e ao mesmo tempo um déficit neste sentido. Isso ocorria pelo fato de que os professores não tinham interesse de lecionar nas áreas rurais. A grande maioria queria ficar na própria cidade onde havia feito o curso. Para Pilotto (1952), era evidente que essa política tinha de ser invertida. A formação dos mestres tinha de se deslocar, substancialmente, para o interior e completava: “A criança da zona rural não pode esperar indefinidamente que o progresso bata às portas de sua localidade para que aí chegue o professor normalista” (PILOTTO, 1952, p. 46).

Para garantir a solução, pelo menos, parcial do problema da falta de professores para as áreas rurais, Pilotto e sua equipe deixaram funcionando 24 Cursos Normais Regionais. Nesses a formação dos alunos ocorria em dois níveis: um tipo de formação era destinada aos cursistas de média classe e outra para aqueles colocados acima de média. A separação das classes ocorria tanto do ponto de vista da inteligência, quanto da personalidade e os mesmos não deveriam ficar claros para os alunos: “A criação dos Cursos Normais Regionais foi, para nós, nestes dois anos, a ideia mais cara e a de maior alcance do que nos foi dado realizar pela educação do povo, pois as suas consequências vão atingir a criança da zona rural, o homem rural, seguramente o que mais fundamentalmente estava carecendo de uma escola melhor” (PILOTTO, 1952, p. 60).

Os sinais de sucesso das estratégias travadas por Pilotto fez com que o mesmo manifestasse sua vontade de ir pessoalmente aplaudir esses sinais, considerados por ele tão visíveis, já que para ele os docentes haviam crescido espiritualmente nos Cursos Normais Regionais. O desejo fundamental, descrito pelo autor, era o de entrar em comunicação com os professores: “não apenas comunicação das palavras, mas comunicação do coração e do espírito” e completa, se dirigindo aos mesmos: “devo dizer a vocês que, por todo Paraná, há um pequeno exército que combate pela causa da educação do povo como uma batalha. Um pequeno exército de mestres renunciou a tudo para ser mestres” (PILOTTO, 1952, p. 61).

Pilotto (1952, p. 62) afirma que a função dos mestres das Escolas Normais é:

[...] uma permanente observação de seus alunos para que nenhuma força fique desperdiçada, para saber ao certo que os que possuem, ao entrar, muito, e os que possuem pouco, de modo a dar aos primeiros ainda mais, e levando os outros até onde suas mãos podem alcançar.

Os objetivos traçados por Pilotto na elaboração do Anteprojeto de Lei Orgânica são traduzidos de forma efetiva por meio dos programas experimentais implementados no Paraná. Para discussão deste tópico, trazemos as ideias do autor presentes no texto “Educação é Direito de todos”. De forma bastante didática, o autor inicia a obra trazendo respostas de uma carta que ele enviou aos professores das escolas isoladas rurais, questionando porque havia poucas promoções de alunos.

Todos os trechos explicam o fato ocorrido argumentando que os pais não mandam seus filhos para escola por causa do trabalho de subsistência na lavoura.

Outros fatores abordados são a falta de consciência da importância da instrução e a falta de materiais, como caderno e quadro-negro. A reflexão do primeiro capítulo, trazida por Pilotto (2004, p. 74), ocorre por meio do seguinte questionamento: “Que escola temos de dar a esses nossos irmãos” Esses irmãos, os quais ele se refere são os menos favorecidos, que nem sequer “conhecem o pão”.

Pilotto (1952, p. 14), diz que “o problema que se vê todos os dias desde que a gente nasceu não se vê nunca”. Ele usa essa frase para fazer referência aos milhares de problemas encontrados nas escolas do Paraná na década em que ele escreve. Para o intelectual, o homem envolvido pela rotina e pelo egoísmo de seus próprios desafios, não conseguia enxergar o tamanho da problemática, que tinha um panorama de pouca frequência dos alunos, falta de estrutura, investimentos e má qualidade dos professores, que na maioria dos casos possuía em seu currículo somente o primeiro ano do ensino primário, que muitas vezes era concluído em dois, ou três anos. A necessidade dessa formação considerada simples por Pilotto (1952, p. 18) se dava pelo fato de que “todo, praticamente todo o magistério incumbido, no Paraná, da educação de nossa criança da zona rural, em nossas escolinhas isoladas, é formado por professoras que mal tem o curso primário”.

Erasmus, tinha como característica principal, demonstrada em todos os seus textos, a defesa pelo magistério com amor, amor pela causa de ensinar, valorizando os homens que assim faziam.

Para Erasmo Pilotto (1952, p. 118) os problemas educacionais devem ser pensados na seguinte ordem:

[...] primeiro aqueles caracteres e problemas referidos, depois, há de se considerar os caracteres e problema específicos do ambiente próprio de cada escola, numa terceira etapa, precisa ponderar os caracteres e problemas de cada meio familiar, e, por fim, os caracteres e problemas de cada educando.

Em meio ao contexto que acabamos de citar, Pilotto (1952), preocupado, enquanto secretário de educação, com a situação das escolas isoladas rurais, criou um plano de capacitação, no qual ele e mais um grupo de professores passava de

dez a vinte dias em pequenas cidadezinhas do interior do Paraná, ensinando soluções muito simples aos professores que ali estavam. Esses eram treinados para incluir nas escolas: orientação geral, ensino de leitura e aritmética, atividade social, decoração escolar, atividade agrícola, pecuária, recreação, teatro, *folk-lore*, pintura ao ar livre, modelagem, educação sanitária rural, educação física, geografia e ciências naturais.

Pilotto (1952, p. 18), dizia que o projeto, apesar de muito simples, “continha em si uma imprevista fecundidade”, pois, além de ensinar um plano para os professores era preciso despertar seu espírito. Erasmo acreditava que se cada lição ensinada ficasse no espírito dos professores, os feitos e os resultados positivos para escola rural seriam mais do que satisfatórios. Ele via naquele plano uma possibilidade de colher frutos em longo prazo, o que justifica a citação inicial deste parágrafo.

Cunhado em Pilotto (1952, p. 18) entendemos que a solução para o problema da falta de preparo e formação pedagógica dos professores era “levar a criança da zona rural o mestre tecnicamente formado na sua personalidade para o exercício de sua função. É preciso acertar com uma solução de profundidade e realizá-la com firmeza”. O autor destaca que o docente deveria ser capacitado para enfrentar os problemas específicos da área agrícola, que eram e ainda são diferentes da zona urbana.

O autor destaca também, que ao contrário do que muitos pensam, a solução não viria com o tempo, “era preciso melhorar o já estava feito. Era preciso melhorar as professoras que já estavam lá” (PILOTTO, 1952, p. 18). Nesse sentido ele dizia que “qualquer atitude de indiferença é um crime” (PILOTTO, 1952, p. 19). Ele deixa claro em sua escrita o quanto identificar e não resolver o problema, dentre as condições possíveis, seria o verdadeiro fracasso da educação. E foi assim que ele lutou e agiu durante todo seu percurso enquanto intelectual.

Em um sentido mais amplo cabe destacar, que praticamente toda a escola rural da década de 1940 e 1950 era somente de primeiro ano primário. Muitos alunos entravam com mais do que sete anos e levavam mais de um para completá-lo, já estando então em idade de ajudar os pais na lavoura de subsistência. Ciente deste contexto, o objetivo de Pilotto (1952, p. 21) era formar professores capazes de “fazer a escola mais amena e pôr em jogo, não só valores espirituais mais ricos, mas o próprio exercício das forças criadoras do espírito infantil”. Para isso, Erasmo introduziu

nas escolas isoladas, atividades como modelagem, pintura ao ar livre, teatrinho de fantoches e contação de histórias.

O método de treinamento de professores criado por Erasmo Pilotto era quase um processo de adestração, que deveria inicialmente trabalhar cinco pontos: ensino inicial de leitura, ensino inicial de aritmética, aulas ao ar livre, recreação, associação de amigos da escola e associação de ex-alunos. Assim ele afirma:

Para nós era importantíssimo que conseguíssemos apurar uma técnica muito simples, acessível a qualquer um, e que permitisse que as nossas crianças da zona rural, em vez de aprender a ler, em vez de serem iniciadas na leitura em dois ou três anos, pudessem lê-lo em três meses, em seis, ou, no máximo em dez (PILOTTO, 1952, p. 24).

A recomendação era que as professoras utilizassem a Cartilha do Povo, de Manuel Begstrom Lourenço Filho:

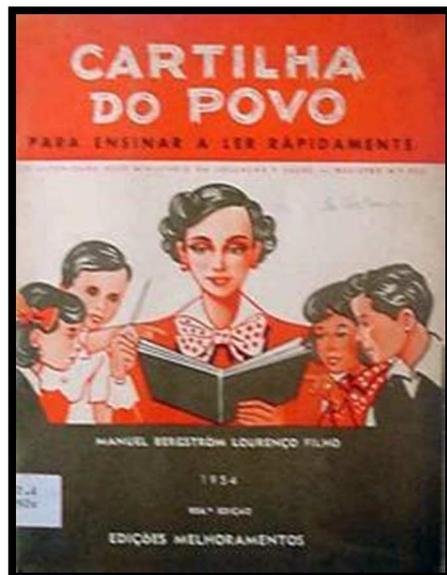


Figura 4: Cartilha do povo. Imagem da edição 956
Fonte: Editora Melhoramentos (1954).

A cartilha, que apresentamos a capa anteriormente, teve 2.201 edições, e segundo Bertoletti (2006, p. 44) “seu sucesso pode ser verificado não somente pelo número de exemplares e elevadas tiragens, mas também na grande adoção da obra em todos os estados do Brasil, assim como sua aceitação pelos professores e de

órgãos oficiais que aprovam e autorizam seu uso nas escolas públicas”, como é o caso do Paraná.

Dentre o contexto do movimento renovador no país, para Bertoletti (2006), Lourenço Filho, torna-se mais forte, especialmente a partir de 1920, apoiado, dentre outros, pela expansão qualitativa e quantitativa do mercado editorial de livros educacionais, pelas diferentes reformas de ensino, pela profissionalização dos educadores e pelas Conferências Nacionais de Educação.

Apesar de considerarem a mesma inferior, era a que mais convinha aos propósitos. “O objetivo era dar aos professores as escolas rurais um instrumento eficaz as suas condições precárias de trabalho “(PILOTTO, 1952, p. 24).

Segundo Bertoletti (2006), a cartilha em questão obteve grande sucesso desde suas primeiras edições, que somaram milhões de exemplares, tendo sido utilizada como instrumento de ensino da leitura por mais de seis décadas nas escolas brasileiras, sem ter sofrido alterações muito profundas ao longo desse tempo. Nas palavras da autora, o material não segue um método puro tendo-se optado pelo analítico-sintético, ou seja, pelo misto, em virtude da posição relativista assumida e propagada por Lourenço Filho em relação aos métodos de alfabetização.

Erasmus viajava para todos os municípios mostrando as professoras rurais como utilizar a cartilha para ensinar as crianças a ler e escrever. Uma das primeiras orientações é que as duas primeiras lições da cartilha, cujo assunto são as vogais e os grupos vocálicos, deveriam ser ensinadas sem o auxílio da mesma. No início a cartilha deveria ser apenas para as professoras, os alunos nem precisariam saber de sua existência.

Em seguida, as professoras entendiam que os educandos deveriam ser postos em volta do quadro negro, todos ao mesmo tempo. Pilotto (1952), explicava que não precisava ter pressa, era necessário ensinar de forma calma e coletiva.

Assim o intelectual passava para terceira lição da cartilha: a palavra bola. O primeiro passo do método era conversar com as crianças sobre o objeto, que poderia até estar presente na sala de aula. Após esse processo, as professoras deveriam dizer, com as seguintes palavras:

- Vou escrever no quadro a palavra bola (Escreve, com caracteres manuscritos e minúsculos). E, imediatamente, voltando-se para os alunos:
 - Que foi que eu disse que ia escrever no quadro?
 - Bola.
 - Então, que é que está escrito aqui?
 - Bola.
 - Leiam todos.
 - Bola.
 - Mais uma vez. Leiam todos.
 - Bola.
 - Muito bem. Você, Antonio, que é que está escrito aqui?
 - Bola.
 - Leia o que está escrito aqui, Marina.
 - Bola.
 - Giovanni, leia você.
 - Bola.
 - E você.
 - Bola.
 - Você.
 - Bola.
- Etc. (PILOTTO, 1952, p. 27).

Pilotto (1952) enfatizava que primeiro deveriam vir às perguntas coletivas repetidas e depois perguntas individuais repetidas. O treinamento para aplicação do método era feito com as professoras assumindo o papel dos alunos. Após Erasmo realizar o processo com as docentes, ele escolhia uma delas para repetir passo a passo, fielmente tudo que ele havia feito. Para ele era fundamental criar hábitos, por meio de numerosas repetições. O método deveria ser aplicado em todas as lições da cartilha, com cada palavra.

Apesar de ter consciência do quão limitador o método era, Pilotto (1952, p. 27), se defendia explicando que

[...] professoras sem nenhuma informação de cultura metodológica e até mesmo pouca cultura geral, pareceu-me e a experiência o demonstrou, que é imperativo exigir estrita fidelidade às fórmulas. Trata-se, sem dúvida, de uma receita, e por maiores que sejam as limitações que a isso possam fazer, só esse caminho é eficaz no nosso caso presente.

Terminado o primeiro momento de treinamento do método de Erasmo, era hora de seguir para o ensino das sílabas que compunham cada palavra, que ocorria da seguinte forma:

- Então, aqui está escrito?

- Bola (todos juntos).
 - Agora vamos dizer, todos juntos, bem devagar, a palavra bola, Digam comigo, bo-la. (Digo as duas sílabas, uma bem destacada da outra, acompanhando cada sílaba de uma batida de palmas). Mais uma vez, todos juntos: bo – la. Muito bem: em quantas vezes eu digo a palavra bo-la? Vejam bem: bo-la.
 - Em duas vezes.
 - Na primeira vez que é que eu digo?
 - Bo. (Todos juntos)
 - Então, na primeira vez eu digo: bo. (Todos juntos, alunos e professor). Eu vou escrever no quadro: bo. (Escreve, em baixo de bola). Que é que eu disse que ia escrever no quadro? (Nota-se que é a mesma expressão que já usei para a primeira fase. Estamos criando uma rotina, que, para ser mais fácil, tem que ter um mínimo de variações).
 - Bo.
 - Então, que é que está escrito aqui?
 - Bo.
 - Leiam todos.
 - Bo.
 - Mais uma vez.
 - Bo.
 - Muito bem: Você, Pedro, que é que está escrito aqui?
- Etc. (PILOTTO, 1952, p. 28).

Novamente Pilotto (1952) fazia esse processo de treinamento com as professoras se passando por alunos. E em seguida elas são chamadas individualmente para repetir o processo, assim como na primeira etapa do método. Continuando, era hora de ensinar as crianças a formar as sílabas. O objetivo era ir juntando as vogais com a consoante que elas já conheciam. Para tanto, partia-se de uma sílaba que os educandos já conheciam, como, por exemplo: bo, e assim por diante com as demais letras. A síntese do método era que “aprendido com a primeira lição está aprendido par todas as demais” (PILOTTO, 1952, p. 30).

Cunhado em Pilotto (1952), conhecidas as sílabas, devem vir às aplicações imediatamente: formação de palavras com as sílabas conhecidas, salientando-se sempre o significado da palavra, através de uma simples palestra. Por fim, as professoras deveriam aproximar as sílabas em que a vogal é a mesma e varia a consoante inicial:

BA-LA
BE-LE
BI-LI (PILOTTO, 1952, p. 30).

Após essa série de repetições, Pilotto (1952) acreditava que ao chegar a um ponto adiantado da cartilha, a criança já teria descoberto a leitura. Para o autor o

grande desafio era levar a primeira fase adiante. Pautados na leitura de Pilotto (1952), compreendemos que o mesmo tinha consciência que o método ensinado para as professoras da área rural estava atrasado, em relação aos conhecimentos de leitura e escrita da época, mas para ele era o possível a se fazer naquele momento.

Para explicitar o método de treinamento, organizamos um quadro, apresentando-os de forma sistematizada:

Número da ficha	O que é a ficha?	Procedimentos
01	Consta de recomendações básicas que são os mandamentos do processo;	Orientações de como o professor deve agir com as crianças, e como deve organizar o espaço físico de sua sala de aula;
02	Visa ensinar a escrever seu nome;	Orientações sobre como o professor deve fazer para que o aluno aprenda a escrever o próprio nome.
03	Apresenta as vogais A e I;	Orientações sobre como o professor deve proceder para que as crianças aprendam as vogais A e I.
04	Pesquisa das vogais A e I, nos nomes dos alunos;	Orienta os professores a fazer que as crianças procurem nas fichas de cartolina com seus nomes (produzidas no passo da ficha nº 02), as vogais A e I;
05	Apresenta as outras vogais;	Atividades para apresentação das demais vogais, repetindo o procedimento de procurá-las nas fichas dos seus nomes;
06*	Apresenta a 1ª palavra-chave (bola); usa como tema uma bola ou a gravura da mesma. É usada para apresentação de outras palavras-chave e no ensino de outras noções novas;	A ficha de número 06 é um roteiro de 11 perguntas que devem ser interiorizadas pelo professor, para facilitar seu trabalho e não perder tempo com palavras desnecessárias. Esse procedimento é adotado para o ensino da palavra-chave: BOLA;

Número da ficha	O que é a ficha?	Procedimentos
07	Apresenta a sílaba BO;	As crianças devem conhecer a sílaba BO, por meio de repetições individual e coletiva e escrita no quadro de giz;

08	Apresenta a sílaba LA;	Mesmo procedimento adotado para apresentação da sílaba BO;
09	Explora a sílaba BO, por meio do processo fônico;	Apresenta a essência do processo, é nela que as crianças descobrem o mecanismo da leitura.
10	Recapitula a ficha nº 09;	Recapitulação da ficha 09;
11	Apresenta a sílaba LA;	Sugestões de como recapitular as lições novas;
12	Recomenda exercícios de cópia após tarefa;	Sugestões de como recapitular as lições novas;
13	Enfatiza o processo de formação de sílabas;	Sugestões de como recapitular as lições novas;
14	Ensina a formar palavras com sílabas diretas;	Orienta a formação de palavras; explorando as suas sílabas conhecidas na 1ª palavra-chave e as vogais, é possível formar inúmeras palavras;
15	Recapitula a ficha nº 14;	Formas de recapitular o aprendido mediante aplicações diversas;
16	Orienta o treino auditivo;	Formas de recapitular o aprendido mediante aplicações diversas;
17	Ensina a formar sentenças com palavras conhecidas;	Orienta a maneira correta de ensinar o aluno a formar sentenças, começando da idéia do que é uma sentença;
18	Relaciona as demais palavras-chave;	Apresenta as demais palavras-chave (boneca, macaco, etc.) que deverão ser trabalhadas na mesma sequência das fichas 06 a 17;
19	Relaciona palavras com dificuldades especiais;	Inicia-se o ensino das dificuldades especiais (ss, ch, rr, etc.)

* A ficha de número 06 é um roteiro de 11 perguntas que devem ser interiorizadas pelo professor, para facilitar seu trabalho e não perder tempo com palavras desnecessárias.

Quadro 5: Método de treinamento dos professores primários por Erasmo Pilotto

Fonte: Organização da autora (2014).

Para que a haja eficácia na utilização das 19 fichas, Pilotto (1952, p. 32) faz cinco recomendações básicas para o professor:

- a) Capacitar os alunos ao domínio do mecanismo da leitura antes do início das pequenas férias;
- b) Dar as aulas iniciais no quadro de giz, sem cartilha;
- c) Fazer pacientemente recapitulações a cada passo dado, mediante aplicações numerosas e diversas e em situações novas;
- d) Aproveitar muito bem o tempo;
- e) Utilizar a maior parte do tempo em leitura e escrita, com atividades diversificadas (PILOTTO, 1952, p. 32).

Nesse primeiro esforço travado por Pilotto (1952) para suprir os problemas de alfabetização no Paraná, existia também uma rotina que os professores deveriam seguir, qual seja: receber os alunos fora da sala de aula, ao ar livre, em uma sombra, conversar com eles e contar histórias. Em um segundo momento, as crianças entram para sala, para terem aula de leitura e em seguida de aritmética. Depois do recreio as atividades podem variar, podendo ser pintura ao ar livre, leitura, modelagem ou teatro.

Outra peculiaridade, a respeito do engajamento de Erasmo Pilotto para com a educação, era sua vontade de transformar a Escola de Professores em um centro de cultura pedagógica. Pilotto (1964b), dizia que sua organização deveria evoluir para criação de seções especializadas em pesquisa. Seus professores deveriam ter a obrigação de fazer relações com outros centros de cultura pedagógica, nacionais e estrangeiros. O mesmo também falava na criação de um centro de vulgarização pedagógica, cujo objetivo seria constituir um centro de ex-alunos, para manter contato regular com o magistério em exercício, podendo receber assistência de seus mestres.

Pilotto (1964b, p. 120) dizia também que “o objetivo da formação do mestre é promover a liberação de todas as suas forças espirituais que serão depois postas em serviço no trabalho da educação”, o que justifica sua preocupação exagerada com a cultura geral de cada indivíduo, afinal é esta que chegaria até os alunos: “a educação reflete sempre, com fidelidade absoluta, todo ambiente espiritual de uma civilização, de uma cultura” (PILOTTO, 1964b, p. 123).

Mediante a todos os elementos pensados e sistematizados por Pilotto (1964b), expostos nos parágrafos acima, nasce o Centro Superior de Pedagogia, na Escola de Professores de Curitiba, do seguinte modo: preocupado em exercer uma influência direta sobre os alunos e convencido, pela experiência, de que o contato direto fora da escola é uma das fontes mais fecundas de entusiasmo para eles. Foi a partir do mesmo que se criou, quase que como uma consequência, o Curso Superior de Pedagogia.

3.3 NOVA PROPOSTA DE PROGRAMA E REGIMENTO INTERNO PARA OS GRUPOS ESCOLARES DO ESTADO DO PARANÁ

Até determinado momento o “rendimento dos grupos escolares, dentro dos padrões de trabalho e das rotinas que para eles se estabeleceu, deve ser considerado

bom”. Ele utiliza essa frase para deixar claro que a crítica apresentada no capítulo 10 do livro Educação é Direito de Todos “não se dirige aos mestres nem ao rendimento das escolas” (PILOTTO, 1952, p. 65), mas sim a situação contextualizada de trabalho em que foram forçados.

O contexto, acima citado, ocorreu em função do novo Regime Interno e Programa para os Grupos Escolares do Estado do Paraná, aprovado em Fevereiro de 1940. Segundo Pilotto (1952, p. 66), dentro do Regimento, o diretor de um grupo tinha 61 atribuições, e o professor 49 deveres e 18 proibições, o que justifica a crítica do capítulo aqui apresentado, em relação à “rotina forçada”, nas palavras do autor “miudamente tudo foi prescrito”, “fez-se uma forma de ser professor e outra de ser diretor”.

Em relação ao Programa, Erasmo Pilotto afirma que o mesmo “estava situado dentro de um atraso e superficialismo metodológicos fora de toda dúvida” (PILOTTO, 1952, p. 67), se colocando totalmente contra o programa de ensino primário do Paraná. Para demonstrar e justificar sua contrariedade, o intelectual transcreve no texto em discussão “o trecho relativo à linguagem escrita no 1º ano” (PILOTTO, 1952, p. 67), cujo faremos de forma, apresentando somente as sentenças que julgamos mais determinantes de um padrão estrutural de rotina engessada:

- “Na primeira linha da página do caderno, deverá constar somente a designação do grupo escolar; na segunda o nome da localidade, dia, mês, ano; na última linha, o nome do aluno e a idade, devendo na capa ficar consignado o ano que o mesmo pertence”;
- “As primeiras cópias, a lápis e no papel, serão do cabeçalho do trabalho gráfico, no qual deverá constar o nome do grupo, a data, o nome do aluno, e o ano em que se acha matriculado”;
- Cópia, no papel, a lápis de pequenas sentenças conhecidas, escritas no quadro negro pelo professor.

Pilotto (1952, p. 69), explica que: “o que nos insurgimos, então, não é contra o detalhe, e a forma de detalhar, mas contra a matéria que se detalha; não é contra a forma de particularização dos regimentos, mas contra o espírito que informa o presente regimento do programa”, e em seguida, completa:

Qualquer pessoa que medianamente conheça metodologia do ensino primário sabe que não poderíamos mais prosseguir, por exemplo, com a maneira de conduzir o ensino da leitura que o programa preconizava que era basicamente da seguinte forma: leitura, ditados, construção de sentenças com palavras dadas e reprodução (PILOTTO, 1952, p. 68-69).

Para o autor o Programa da época, exercia uma influência negativa nas crianças, sendo considerado superficial, assim seria inaceitável continuar daquela forma. Erasmo cria então uma nova proposta a ser executada na educação paranaense, realizada durante suas ações como Secretário de Educação, pretendia opor-se ao já mencionado, Regimento Interno e Programa para os Grupos Escolares do Estado, tratado em 26 de fevereiro de 1940, pelo Decreto nº. 9.592.

Pilotto (1952, p. 71), critica a situação dos jardins de infância, que eram completamente ignorados: “estes viviam ao sabor da improvisação ou quase. As escolas de formação de professores não possuíam cursos para a formação de educadores para o jardim de infância”, sendo deixadas a mercê de seus mestres. Em meio a este contexto, Erasmo expõe: “desde logo nos empenhamos na elaboração dos novos programas para os jardins da infância e para os grupos escolares. Procurando colocar-nos dentro de uma orientação mais correta demos-lhes o caráter de programas experimentais”, visto que para Pilotto (1952, p. 71) “uma das conquistas mais fundamentais do pensamento pedagógico contemporâneo é o caráter experimental de seus trabalhos”.

Para os jardins de infância, os novos programas adotados procuraram levar em conta as duas deficiências: a falta de preparo especializado do magistério e a falta de material nas escolas. Assim o programa compunha-se de três partes:

- Traçar um programa de experiências a proporcionar à criança;
- Traçar um plano de educação sensorial e da atenção;
- Traçar um plano de educação física (PILOTTO, 1952, p. 71).

Cada meta traçada e cada atitude pensada tinham como objetivo fazer com que qualquer mestre pudesse colocá-lo em prática: “o plano foi feito com todas as coisas interessantes e proveitosas que a criança deve fazer, dentro de um ambiente estimulante e controlado, com o fim de que possam modificar sua conduta, assim como aproveitar as lições da experiência” (PILOTTO, 1952, p. 72), e continua: “o plano

sugere experiências no campo da vida social, no campo das ciências naturais, no campo das artes da linguagem, no campo da estética, no campo das artes práticas e no campo das habilidades ou de adestramentos” (PILOTTO, 1952, p. 72). Erasmo sabia que suas soluções, definidas pelos Programas, eram simplistas, mas ele deixa claro em seus textos que era preciso nos adaptar as condições possíveis dispostas.

Um Programa também foi traçado para os cursos primários: o objetivo era ter sua realização e a melhoria imediata das classes primárias. O Programa foi dividido em três partes: na primeira definem-se os objetivos gerais do curso primário; na segunda traçam-se os mínimos para atingir em cada ano; e na terceira fazem-se abundantes sugestões didáticas ao professor.

Para o Pilotto (1952), os cursos primários deveriam dar aos seus alunos um mínimo comum de formação geral que promova o desenvolvimento normal, dando-lhes o domínio das técnicas fundamentais da leitura, da escrita e do cálculo, hábitos e atitudes úteis à vida comum, e uma informação e um sentido de curiosidade e observação disciplinadas, que lhes permitam se situar no espaço e no tempo.

Após a implantação dos novos programas, Pilotto (1952, p. 79) afirma que tinha certeza de que se fossem exigir sua aplicação plena e imediata, o mesmo seria arrastado a um imediato, total e perigoso fracasso: “Não se rompem sólidos hábitos por decreto. Seria necessário iniciar a lenta tenaz batalha da implantação”.

4 ERASMO PILOTTO E O ENSINO RURAL NO PARANÁ

Atualmente denominada educação no campo, a educação rural, como aqui vamos referenciar tem, segundo o Manifesto da Educação no Campo do Estado do Paraná (2010)⁹ sua gênese, no vínculo com os movimentos sociais e organizações populares, no processo formativo dos sujeitos coletivos. O documento informa que desta forma, a materialidade e origem do processo educativo em questão deve ser pensado por meio de três pilares: campo – política pública – educação, garantindo o direito à escolarização no e do campo, com seus sujeitos socialmente envolvidos (10 anos da Carta Porto Barreiro – Manifesto da Educação no Campo do Estado do Paraná, 2010). O documento argumenta que a educação rural é um direito universal, considerando os níveis e modalidades de ensino para todos os seus atuantes no local e os que vivem e trabalham promovendo a emancipação humana e social.

As escolas rurais foram estabelecidas no Paraná durante o governo de Manoel Ribas (1932-1945)¹⁰ e em âmbito nacional sob o governo de Getúlio Vargas (1937-1945). Segundo Miguel (2007, p. 79),

[...] sob um contexto caracterizado por políticas de nacionalização do ensino, incentivo ao desenvolvimento da produção nacional e surgimento do mercado interno, além do aparecimento na sociedade brasileira, de novas classes sociais, como o proletariado e a chamada burguesia industrial.

A necessidade de escolas rurais no Paraná ocorre em função de seu processo colonizador ocorrido “por meio do café a região norte e pecuária na região oeste” (MIGUEL, 2007, p. 79), a ocupação de terras no estado ocorria de maneira intensa, muitos imigrantes viam a possibilidade de se reestabelecerem trabalhando nas lavouras, com isso as escolas de característica ruralista deveriam atender a demanda de formar “um homem apto a trabalhar no interior”.

⁹ 10 ANOS DA CARTA DE PORTO BARREIRO. Manifesto da educação do Campo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Faxinal do Céu, 15 de abril de 2010. Disponível em: <http://educampopr.pbworks.com/f/manifesto_educacao_do_campo.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2015

¹⁰ MANOEL, Ribas. **Relatório do Interventor Federal no Estado do Paraná, 1932-1939**. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100110>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

Nesse sentido trazemos dados de Schelbauer (2014, p. 78)

[...] com uma população de 1.235.849 habitantes na década de 1940, apenas 24,5% dos paranaenses residiam na zona urbana. As taxas de urbanização da década de 1950 apontam para índices inferiores da média nacional. Enquanto no Brasil a taxa de urbanização era de 36,1%, no Paraná a mesma taxa era de 25%¹⁰. As maiores modificações ocorreriam no decorrer das décadas de sessenta e setenta do século 20, com o processo de urbanização e o êxodo do trabalhador rural do campo.

Em 1938 segundo Miguel (2007), o Paraná possuía cinco escolas cuja finalidade era formar trabalhadores rurais e estavam sendo construídas mais três: nas cidades de Palmeiras, Rio Negro e Guaratuba, objetivando acolher 500 alunos aproximadamente. Cabe ainda evidenciar que para a autora, as escolas rurais e industriais representaram meios de habilitar mão-de-obra necessária ao desenvolvimento nacional.

Miguel (2007) destaca que a função das instituições agrícolas foi alvo de debate entre educadores nacionais comprometidos com a transmissão da educação enquanto bem cultural e aqueles que viam nas escolas rurais a função de dar um mínimo de conhecimento aliados às técnicas de plantio que garantissem a melhoria da produção, como é o caso de Erasmo Pilotto, que se preocupou em especificar e cuidar das necessidades e diferenciações do ensino urbano e rural.

Miguel (2007) traz ainda, que a realidade do sistema escolar nas zonas rurais mais afastadas do país, no entanto, era caracterizada pela precariedade das construções escolares e da formação dos professores, fazia com que o número de escolas de mestre único, que acolhia alunos de diferentes níveis de aprendizagem, sobrepujasse as escolas rurais ou agrícolas criadas para o fim específico de promover uma formação mais direcionada aos trabalhos próprios do campo.

No contexto das escolas rurais Miguel (2007, p. 85) afirma que:

a função social do professor se revestia de importância, principalmente porque o governo se propunha a dirigir um progresso ordenado. Assim, ao professor cabia a função de ser agente de transformação social, levando ao homem do campo os hábitos, atitudes e conhecimentos escolares, mesmo que elementares aliados ao domínio de técnicas de plantio e industrialização caseira de alimentos.

Nesse sentido trazemos a Lei Orgânica do Ensino Agrícola promulgada em 20 de Agosto de 1946, que previa a formação dos profissionais docentes e administrativos para trabalhar no ensino rural.

Este processo deveria ocorrer por meio de dois cursos: sendo o primeiro com a duração de dois anos e os demais com a duração de um ano, dividimos da seguinte forma:

1. Curso de Magistério de Economia Rural;
2. Curso de Didática de Ensino Agrícola.
3. Curso de Administração de Ensino Agrícola

O objetivo da lei, exposto em seu artigo primeiro era: “estabelecer as bases de organização e de regime do ensino agrícola, que é o ramo do ensino até o segundo grau, destinado essencialmente à preparação profissional dos trabalhadores da agricultura” (BRASIL, 1946). No texto oficial verificamos ainda que o ensino rural deveria dividir-se em dois ciclos, e dentro de cada um deles existiriam cursos exposto no artigo sétimo, sendo eles: formação, continuação e aperfeiçoamento. Quanto aos conteúdos, seriam obrigatórios conhecimentos de agricultura, horticultura, zootecnia, práticas veterinárias, práticas industriais agrícolas, mecânica agrícola, laticínios, etc.

Apesar das orientações e obrigatoriedades explicitadas na Lei em discussão, Miguel (2007, p. 85) explica que “as jovens formadas na Escola de Professores de Curitiba tentavam aplicar nas escolas do interior os conteúdos, as metodologias e tudo o que haviam aprendido, a partir de uma perspectiva urbana de vida social”, assim sendo, era necessário colocar em prática uma formação específica ao professorado agrícola. A solução para esta problemática foi oferecida, segundo a autora, pelos cursos normais regionais, cursos estes destinados a formar o professor na própria localidade na qual atuava, conforme estabelecido pela Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL, 1946), função esta na qual Erasmo Pilotto participou ativamente.

Ainda sobre a educação rural do Paraná, encontramos informações importantes no relatório do interventor federal Manoel Ribas (1932-1939) enviado ao então presidente da república Getúlio Vargas. O documento que evidencia o expressivo índice de crescimento econômico do estado, conta que o então predomínio da erva-mate durante os anos de 1931 a 1933, estava cedendo lugar à madeira, ao

café, aos demais produtos agrícolas, ao gado e ao algodão, indicando pluralidade nas atividades econômicas.

A leitura do texto oficial informa que a edificação escolar, que praticamente não existia no estado, havia dado lugar, em Curitiba, a todos os prédios e demais instalações que constituíam a Escola de Trabalhadores Rurais Dr. Carlos Cavalcanti, além de mais um edifício destinado a uma Escola Agrícola.

Em relação à matrícula nas Escolas Agrícolas Profissionalizantes, era dada preferência aos órfãos e menores desamparados, mas, também eram aceitos filhos de lavradores, levando em consideração seus recursos. As instituições de vertente profissional, segundo o relatório em discussão, todas as escolas possuíam um curso primário, regido por professores normalistas e ainda recebendo ensinamentos práticos de agricultura, horticultura, jardinagem, silvicultura, higiene, trato dos animais, laticínios e avicultura, sendo que a idade mínima para ingresso era de 9 anos e máxima de 18 anos, e o regime era de internato, e os alunos recebiam alimentação, vestuário e a assistência de médicos e dentistas. Segundo Miguel (2007) essas instituições eram providas ainda de oficinas de carpintaria, selaria e ferraria, nas quais se transmitiam os conhecimentos necessários aos futuros trabalhadores rurais.

Estatisticamente, o documento em evidência, afirma que o estado do Paraná contava, no ano de 1939, com quatro Escolas de Trabalhadores Rurais, nas cidades de Curitiba, Ponta Grossa, Castro e Porto de Paranaguá, nomeadas respectivamente de Dr Carlos Cavalcanti, Augusto Ribas, Olegário Macedo e Antônio Serafim Lopes, destinadas à pesca.

Em meio ao contexto que acabamos de discutir, verificamos a preocupação de Erasmo Pilotto, com as já citadas peculiaridades do ensino rural, principalmente com a formação do professor. Para o intelectual “os problemas que o professor dessa escola têm que resolver são muito diferentes dos problemas de uma escola na cidade, ou de um grupo escolar” (PILOTTO, 1964b, p. 106). Nas palavras de Erasmo

[...] o trabalho da escola fica perdido, em grande parte, pela falta de qualquer auxílio vindo do lar. Por isso, o trabalho tem de ter, dia e noite, a preocupação de fazer com que as crianças que lhe estão confiadas cheguem a viver como homens, cheguem a viver uma vida melhor (PILOTTO, 1964b, p. 106).

Acerca das particularidades e necessidades de adaptação do ensino em uma instituição rural, Pilotto (1964b, p. 58) apresenta algumas considerações, apresentadas a seguir na forma de um quadro:

Disciplina	Ações necessárias
Economia Doméstica	<ul style="list-style-type: none"> • O objetivo desta disciplina deveria ser ensinar as crianças de tal modo que estas sejam os instrumentos de novas condições de vida familiar, condições materiais, higiênicas e espirituais. O professor deverá fazer isso observando atentamente a vida dos moradores da localidade, aumentando por meio de seus alunos a qualidade de vida. • O programa de economia doméstica, nas escolas isoladas, tem importância talvez maior que qualquer outro e deve ser colocado em primeiro lugar.
Teatro Escolar	<ul style="list-style-type: none"> • Deve ser feito de forma improvisada, fazendo as apresentações ao ar livre. O palco pode ser construído colocando algumas tábuas em cima de caixões, por exemplo, ou simplesmente limitar com varas um espaço semelhante a um palco. Também deverá ocorrer teatro de fantoches feitos pelos próprios alunos com papel machê e cabos de vassoura. O professor deve ainda levar os próprios educandos a escreverem as peças, fazerem cenários, os bonecos, as roupas, e procederem à apresentação.
Leitura	<ul style="list-style-type: none"> • O professor deve levar em conta que, para a grande maioria das crianças das escolas isoladas, o ensino da leitura adquire uma importância ainda maior que no caso corrente das cidades, visto que estas receberão estímulos externos ao saírem da escola. O professor deve cuidar para que a criança adquira verdadeiramente o vício da leitura.
Ciências físicas e naturais	<ul style="list-style-type: none"> • Pela sua localização, a escola isolada está mais bem capacitada do que qualquer outra para o ensino das ciências físicas e naturais. O professor deve habituar-se a sair, da sala de aula, com seus alunos, para ir estudar história natural em contato direto com o ambiente; Em relação à higiene o professor deve proporcionar aos alunos o estudo dos maus hábitos higiênicos dos moradores da localidade, e procurar corrigir os alunos, de tal modo, mediante tantas repetições que se tornem mecânicos

Quadro 6: Disciplinas específicas da educação rural

Fonte: Organização da autora (2014).

Pilotto (1964b) faz alguns destaques acerca das Escolas de Formação do Magistério Primário, começando por limitar a finalidade de formar professores destinados ao nível de ensino em discussão. Em primeiro lugar o autor diz que a matrícula só poderia ser efetivada após testes físicos e cognitivos. Depois coloca a

importância de considerar, na formação do professor primário, sua cultura profissional e geral. Quanto ao espaço físico dos centros de formação dos docentes, para Pilotto (1964b), devem ter a organização de uma casa dos alunos, com horário integral, com refeitório, salas de estar e de palestra, salas de música, salas de estudos, a fim de conseguir um ambiente de intimidade e liberdade de uma verdadeira sociedade ou de um lar, outro fator fundamental seria ter de forma organizada um estudo de todos os alunos, tomados individualmente, servindo de base aos trabalhos de formação, o que seria feito por meio de fichas individuais.

Pilotto (1964b) defendia que a formação do professor deveria preocupar-se com dois campos; um prático, e o outro teórico, colocando-os em contato com princípios e ideias gerais. O objetivo segundo o intelectual era “familiarizá-los com tudo que signifique exercício das suas faculdades de criação e liberação”.

4.1 UMA ESTRATÉGIA EDUCACIONAL CONTRA A EVASÃO ESCOLAR: AMIGOS DA ESCOLA

Pilotto (1952, p. 56) afirma que “a escola precisa do povo, tanto quanto o povo precisa da escola”, nessa perspectiva, criou no Paraná, durante a década de 1950 centenas de Associação de Amigos da Escola, o objetivo era melhorar a qualidade de vida da escola e do povo de sua região. Segundo Pilotto era necessário “reunir e unir a população da localidade para uma vida social e saudável, criar, estimular e orientar a boa vontade de todos para o progresso da região; auxiliar, em tudo, o desenvolvimento da escola local” (PILOTTO, s/d *apud* MIGUEL, 1992, p. 169).

Para Pilotto (1952, p. 37), uma boa escola, deveria ser resultado da cooperação de todos. O autor ainda afirma que essa era uma forma de ensinar e exercer democracia: “a democracia, porém, é muito mais que apenas forma de governo: é uma espécie de sociedade em que a finalidade é o aperfeiçoamento da personalidade humana e a cooperação do meio para consegui-la”.

Dentre outras, as funções do grupo eram, segundo Pilotto (1952): organizar um trabalho de fomento à educação e amparo à obra educativa escolar; auxiliar a escola, melhorando a vida do homem que reside no local; conseguir para escola, locais para atividades esportivas, agrícolas, recreio das crianças, para aulas ao ar livre e

mobiliário de emergência, quando necessário; fazer a manutenção da escola, assegurar a matrícula e frequência escolar das crianças; colaborar com o inspetor escolar para que progredissem material e moralmente; intervir nos festivais promovidos para obter fundos; ajudar nas culturas que a escola promova, e que os alunos não possam atender e por fim fiscalizar os fundos obtidos pela escola. O trabalho dos Amigos da Escola pode ser comparado com o trabalho que o gestor realiza atualmente.

Como estratégia para atrair voluntários que quisessem trabalhar com os Amigos da Escola, era a promoção de festas. Por meio delas, a comunidade se interessava e passava a participar ativamente. Foi dessa forma que Pilotto (1952) começou a vida de centenas de associações. Porém, Miguel (1992) argumenta que a função do professor ultrapassava a função pedagógica de transmissor de conhecimentos, hábitos, atitudes e valores em sala de aula, para realizar o papel de líder social. Para tanto, afirma que “as ações da Associação dos Amigos da Escola deveriam adotar planos constantes de anexos que acompanhavam o regulamento. Esses anexos traziam à luz o que se esperava do professor de escola rural” (MIGUEL, 1992, p. 169).

Apesar de todas essas “boas” ações empregadas por Pilotto na vida da escola rural, surge-nos um questionamento: até que ponto elas eram realmente positivas? A população da zona rural mal conseguia comer e vestir, como poderiam então ser responsáveis por manter uma escola, cumprindo todas as “obrigações” que acabamos de citar. Pilotto (1952) deixa claro que isto era o melhor que poderia ser feito frente às condições encontradas por ele, mas até que ponto tirar a responsabilidade do governo é realmente correto e produtivo? Fica a nós uma reflexão.

Erasmus tinha a educação da população rural como o maior problema que ele havia enfrentado frente à secretaria de educação, e acreditava fielmente, que as ações por ele organizadas eram o caminho certo e eficiente para melhorá-las. Nesse sentido, antes de deixar a secretaria, Pilotto (1952) organiza um plano, passo a passo, com o objetivo de que o próximo secretário continuasse executando suas ações, tornando-as ainda melhores. Em suma, esses passos referiam-se a organização de cursos pedagógicos, melhora na infra-estrutura das escolas, criação e manutenção dos Amigos da Escola, ao aumento do número de alunos e a fiscalização de sua frequência.

Segundo Miguel (1992) a consolidação e expansão do ideário escolanovista no Paraná estava ligado a programas como o denominado Amigos da Escola que visassem “a busca do envolvimento da comunidade com a escola, para o benefício de ambas” (MIGUEL, 1992, p. 168). Para autora, partia-se do pressuposto que a escola rural contribuía para o desenvolvimento do estado econômico da sociedade. A escola deveria colaborar na subsistência da sociedade que a cercava.

Um aspecto curioso é um programa com o mesmo nome – Amigos da Escola – e objetivos foi implantado Segundo Rodrigues (2002) pelo Governo Federal em parceria com o MEC no fim dos anos 1990 e contava com o apoio da Rede Globo de Televisão. A autora nos leva a refletir sobre o quanto o indivíduo “é requisitado a prestar sua contribuição” por meio de discursos que “seduzem pelo social”, assim pensamos: Até que ponto programas como os que estamos discutindo retira a responsabilidade do estado e transfere para os indivíduos? Portanto, assim como propunha Erasmo Pilotto o “discurso pela democracia continua se ancorando num tom humanizador e cristão baseado na solidariedade” (RODRIGUES, 2002, p. 232).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado teve como objetivo, compreender quais foram as ações executadas pelo intelectual Erasmo Pilotto para expansão do ensino primário no Paraná. Para tanto, definimos os componentes norteadores de nossa pesquisa na obra produzida pelo intelectual em questão. Sabemos que os argumentos apresentados não são conclusivos, nem cessam as possibilidades investigativas acerca de temática em evidência, nesse sentido, nos limites de uma pesquisa desenvolvida em vinte e quatro meses, propusemos reflexões junto ao campo da História da Educação paranaense.

O conceito de “intelectual” foi fundamental para o encaminhamento metodológico da pesquisa. Vieira (2001, p. 57) afirma que “o que é essencial nesse conceito é que não existe nenhum, a priori de formação e/ou posição institucional para definir o intelectual. Cabe sempre ao investigador, interessado na sua exploração, analisar a natureza dos projetos formativos em curso, a ação dos seus protagonistas e, sobretudo, avaliar em contexto as consequências sociais desses projetos”.

Para atingir o objetivo de responder ao longo da pesquisa o questionamento de como Erasmo Pilotto contribui para expansão do ensino primário do Paraná, dividimos este trabalho em três seções: na primeira delas objetivou-se interpretar o discurso, veiculado pelas fontes, com enfoque direcionado aos aspectos biográficos do intelectual Erasmo Pilotto, articulando aos aspectos históricos ocorridos no Paraná, respeitando o recorte temporal desta pesquisa. Na segunda parte, apresentamos quais foram as ações e as políticas defendidas por Erasmo Pilotto frente à formação de professores primários no Paraná, como secretário de educação. Na terceira buscamos demonstrar como Pilotto agiu frente o ensino rural e por fim buscou-se identificar as contribuições metodológicas, do intelectual em estudo, para alfabetização no Paraná. Cada capítulo procurou desenvolver um objetivo que compôs a redação do texto final em forma de dissertação.

Erasmo Pilotto, como participante do grupo social de intelectuais do século XX, assumiu o sentimento e a missão social de pensar a educação da forma mais abrangente que lhe coube. Para tanto, a contragosto, aceitou participar da política paranaense, assumindo o cargo de secretário de educação. Nosso protagonista, na

contramão da concepção tradicional de intelectual erudito e desinteressado, fez de sua trajetória um espaço de boas relações como o professor Lysímaco Ferreira da Costa e Dalton Trevisan, além de outros. Podemos considerar Erasmo Pilotto um organizador da cultura educacional paranaense, por estabelecer projetos culturais e educativos, por meio das diversas funções que ocupou em diferentes esferas do estado e da sociedade civil, produzindo reflexões teóricas que nos instigaram a propor as seções que foram apresentadas no decorrer desta dissertação.

Consideramos fundamental destacar como uma de nossas conclusões, que a prática educacional vivida no Paraná entre os anos de 1940 a 1970 foi de grande efervescência de ideias pedagógicas que buscavam modernizar o país e conseqüentemente o estado em questão, sempre por meio da educação. O embate fundamental ocorria entre o grupo de intelectuais escolanovistas e os defensores as práticas tradicionais, representados principalmente por católicos. Erasmo Pilotto era, por assim dizer, representante da Escola Nova.

Erasmo Pilotto visando organizar e modernizar a nação com base na cultura, preocupou-se também em desenvolver políticas públicas voltadas especificamente para população rural, visto que o Paraná é um estado formado fundamentalmente pela prática agrária cafeeira e pecuarista. Como secretário de educação, entre os anos de 1949 e 1951, voltou-se principalmente para construção de instituições educacionais, criando cerca de 1.200 escolas isoladas rurais, somente no primeiro ano de seu mandato.

Um dos sentimentos que envolvia o país, durante os anos seccionados para este estudo era o de “desilusão com o regime republicano”. Para os reformistas era necessária a criação de políticas públicas que organizassem o país, dentre elas, a criação de um sistema nacional de ensino. No caso do Paraná, segundo estado a realizar a reforma na educação, caracterizava-se nas palavras de Miguel (1992) privilegiava a educação escolar apenas nos cabeçalhos das leis e discursos. A Educação Nova inscrevia-se no projeto de ressignificação cultural no modelo em defasagem que acabamos de citar.

Bastante significativo do quanto Erasmo Pilotto acreditava no ideário escolanovista foi a criação do Instituto Pestalozzi. A ideia do autor foi de “fazer uma casa para as crianças, de tal modo que muitas pudessem ali viver como se estivessem em um lar concebido expressamente para elas” (PILOTTO, 1964b,

p. 16). Assim vemos que o intelectual acreditava que cada indivíduo, tendo as condições necessárias, era capaz de construir seu próprio conhecimento. O plano pedagógico de Instituto era organizar um sistema educacional.

Acerca de sua crença na Escola Primária, Pilotto afirmava que não deveriam ter finalidade profissional, e sim, apenas dar ao aluno um mínimo de experiências necessárias aos indivíduos, tanto de escolas urbanas, como rurais. O intelectual acreditava que a falta de materiais, a falta de comprometimento do país, o trabalho na lavoura e a falta de entendimento da importância do processo de escolarização, eram os principais fatores que contribuíam para o mau desempenho escolar das crianças do estado.

O intelectual objetivava o desligamento das escolas rurais em relação à Secretaria de Agricultura, defendendo uma Escola Primária única e comum, que tivesse uma educação geral. Em suas propostas, defendia a melhoria das condições educacionais e o aprimoramento cultural dos educandos. Verificamos ainda a preocupação de Pilotto com os jardins de infância, que eram praticamente esquecidos, durante o período de abrangência deste trabalho, para tanto o professor adotou novos programas, que tentaram sanar a falta de magistério especializado e falta de materiais nas escolas em questão.

Nesse sentido, fiquemos com as palavras de Erasmo Pilotto (1952, p. 4):

Ninguém tenha ilusões a respeito: o Paraná está mais do que atrasado, de um modo geral, no setor da educação pública, e não por culpa de seu magistério, cujas altas qualidades o fazem um dos primeiros do Brasil. O nosso tempo conquistou este novo direito no quadro dos Direitos dos Homens: A EDUCAÇÃO É UM DIREITO DE TODOS. Daqui nós nos dirigimos àqueles homens que, entre nós, deram à sua vida o destino de defender a grandeza do mundo e desejamos, apenas, que alguns deles possam ser, assim movidos a essa imensa grandeza que é a de auxiliar a que todos, entre nós, tenha, efetivamente, assegurado o seu direito à educação.

Apesar do idealismo presente na citação de Pilotto, verificamos que “diante da complexidade da realidade de educação brasileira, qualquer análise sobre os números da Educação Básica representa necessariamente um recorte, um conjunto de escolhas” (ANÚARIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO, 2012, p. 8), como é o caso desta dissertação, em que optamos por realizá-la, pautados na obra erasmiana.

O documento em destaque, produzido no ano de 2012, por meio de uma parceria entre a Editora Modera e o programa Todos pela Educação, traz também que, ao contrário, de nosso entusiasta em estudo afirma, 3,8 milhões de crianças ainda estão fora da escola no Brasil, número equivalente a população do Uruguai segundo o Censo Escolar de 2010. Verificamos por meio da Avaliação Brasileira do Ciclo de Alfabetização (prova ABC) divulgada em 2011, que 51 em cada 100 crianças da rede pública de ensino não aprenderam o adequado em relação às habilidades de leitura para o 3º ano do Ensino Fundamental no Brasil, além disso um terço dos alunos que deveriam estar no Ensino Médio ainda cursam a ciclo básico.

Outros dados demonstrados no documento, verificam que somente 63,5% das crianças entre 4 e 5 anos da zona rural têm acesso à escola e que embora a taxa de analfabetismo no país tenha caído de 10% para 9,7% entre pessoas com 15 anos ou mais durante os anos de 2008 e 2009, esse percentual ainda soma 14,1 milhões. Mais um dado para refletirmos traz que dos adultos com idade de 35 a 49, 31% são analfabetos funcionais, não sabendo utilizar as habilidades de leitura e escrita de acordo com suas funções sociais.

Em relação especificamente ao Estado do Paraná que se encontra entre os melhores índices do país, temos, segundo o documento em evidência, uma taxa de analfabetismo de 6,3% em pessoas de 15 anos ou mais, sendo que a escolaridade média em anos de estudo é de 7,5 anos para pessoas com 25 anos ou mais. A porcentagem de indivíduos entre 4 e 17 anos que frequentam a escola é de 90,5% e 76,6% dos jovens concluíram o Ensino Fundamental e somente 62,4% é resultado para a faixa etária de 19 anos que concluiu o Ensino Médio.

O autor agiu, naquilo que foi possível percebemos por meio da leitura das fontes, qual que em sua totalidade em função da expansão de uma escola primária que por e para todos, assim sendo iniciou sua carreira como professor da modalidade em questão, além de se dedicar a publicação de materiais que pudessem colaborar na formação dos docentes, como é o caso da Revista de Pedagogia.

Ao optar por trazer os dados, acima apresentados, pretendemos afirmar, tão somente, que o autor, foco da pesquisa, teve contribuições significativas. Por meio de seus esforços, conseguiu avanços consideráveis no tocante à expansão do ensino primário, entretanto, há um “emaranhado” de questões políticas, econômicas, sociais e culturais que envolvem a tão desejada, debatida e por isso controversa, qualidade

da educação brasileira e paranaense. O intelectual fez por merecer este adjetivo que comumente precede seu nome, Erasmo Pilotto.

O findar desta pesquisa deixa novas indagações a respeito das ações empreendidas pelo intelectual estudado: quais as escolas que receberam o programa Amigos da Escola? Quais foram os resultados de suas ações educacionais comparadas a de outros estados brasileiros? Por que optar por um programa de formação de professores que o próprio autor considerava atrasado e metodologicamente superficial? Essas perguntas que não puderem ser respondidas ao longo deste trabalho dissertativo, mas, deixam a vontade e o desejo de em possibilidades futuras continuar pesquisando e aprofundando a temática aqui desenvolvida.

REFERÊNCIAS

10 ANOS DA CARTA DE PORTO BARREIRO. Manifesto da Educação do Campo do Estado do Paraná. **Secretaria de Estado da Educação do Paraná**. Faxinal do Céu, 15 de abril de 2010. Disponível em: <http://educampopr.pbworks.com/f/manifesto_educacao_do_campo.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2015.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ABREU, G. S. A. Lysimaco Ferreira da Costa e o Ensino Secundário Brasileiro. **História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel**, Pelotas, v. 12, n. 26 p. 165-189, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/29216/pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

ANÚARIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO. São Paulo: Moderna. Todos pela Educação, 2012. Disponível em: <<http://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A8A8A83376FC2C9013776334AAE47F0>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

ARAÚJO, J. C.; SOUZA, R. F.; NUNES PINTO, R. M. (Org.). **Escola primária na primeira república (1889-1930): subsídios para uma história comparada**. Araraquara-SP: Junqueira e Marin Editores, 2012.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. **Laurenço Filho e a alfabetização: um estudo da Cartilha do Povo e da Cartilha Upa Cavalinho!** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BLOCH, March. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1999.

BONI, Maria Ignês de. Erasmo Pilotto e as escolas normais regionais no Paraná. **Cadernos de Pesquisa**, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 213-226, jul./dez. 2007.

BRASIL. Presidência da República. Decreto-Lei nº. 9.613, de 20 de agosto de 1946. **Lei Orgânica do Ensino Agrícola**. Brasília, DF: Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1946. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De19613.htm>. Acesso em: 22 dez. 2014.

BRITO, Mary Therezinha Paz. **Método Erasmo Pilotto: processo de alfabetização e treinamento de professores em serviço**. 1981. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1981.

CAMARGO PILOTTO, Anita. **Erasmus um educador de alma romântica**. Curitiba: Litero Técnica, 1986.

CARVALHO, C. H.; CARVALHO, L. B. O. B. Educação e civismo: impasses e perspectivas na imprensa de Uberabinha-MG (1920-1930). **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, n. 15, p. 1-07, set. 2004. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/art2_15.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2015.

CARVALHO, M. M. C. Educação e política nos anos 20: a desilusão com a república e o entusiasmo pela educação. In: LORENZO, C. H.; COSTA, P. W. (Org.). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora Unesp, 1997. p. 65-132.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da USP. 1995.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **A escrita infantil**. São Paulo: Cortez, 2008.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP: Editora Autores Associados, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova. **A Reconstrução Educacional do Brasil. Ao povo e ao Governo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

MANOEL, Ribas. **Relatório do Interventor Federal no Estado do Paraná, 1932_1939**. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100110>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

MARACH, Caroline Baron. **Elegia à cultura: a trajetória individual de Erasmo Pilotto e a Escola Serena**. 2004. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MIGUEL, Maria Elizabeth Blank. **A pedagogia da escola nova na formação do professor primário paranaense: início, consolidação e expansão do movimento**. 1992. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

_____. As escolas rurais e a formação de professores: a experiência do Paraná 1946-1961. In: WERLE, Flávia Obino Corrêa (Org.). **Educação rural em perspectiva internacional: instituições, práticas e formação de professores**. Ijuí: Unijuí, 2007. p. 79-98.

MIGUEL, M. E. B.; ALBONI, M. D. O. V. A Escola Nova no Paraná: avanços e contradições. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 5, n.14, p. 93-100, jan./abr. 2005. Disponível em: <<file:///C:/Users/Jo%C3%A3o/Downloads/dialogo-677.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

MIKORSZ, Carolinda da Conceição. **Palácio da instrução**: uma abordagem metodológica para o ensino da leitura e da redação na 1ª série com base nos pressupostos de Gagne e no modelo de alfabetização Erasmo Pilotto. 1981. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1981.

MINOZZI JÚNIOR, Essio. A Educação Brasileira na Era Vargas: as reformas e os Grupos Escolares Paulistanos. In: COLÓQUIO DE PESQUISA SOBRE INSTITUIÇÕES ESCOLARES, 4., 2007. **Anais...** São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2007. Disponível em: <http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/Anais_IV_coloquio/COMUNICA%C3%87%C3%83O%2017.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2014.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **As muitas facetas da alfabetização**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PARANÁ. **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1948 pelo senhor Moysés Lupion governador do Paraná**. Curitiba: Arquivo Público do Paraná, 1948.

PILOTTO, Erasmo. **A educação é direito de todos**. Curitiba, 1952.

_____. **A educação no Paraná**: síntese sobre o ensino público elementar e médio. Curitiba: Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1954 [Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio Elementar – CILEME, Publicação n. 3].

_____. **Organização e metodologia do ensino na 1ª série primária**: um caminho para o aperfeiçoamento da escola pública primária em países em desenvolvimento. Curitiba: Associação de Estudos Pedagógicos do Paraná, 1964a.

_____. **Prática de escola serena**. Curitiba, 1964b.

_____. **Que se exalte um mestre em cada sonho**. Curitiba, 1987a.

_____. **O mural redondo**. Curitiba, 1987b.

_____. **Autobiografia**. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

PUGLIELLI, Hélio de Freitas *et al.* **Erasmo Pilotto**. Curitiba: UFPR, 1996 [Série Paranaense n.7].

QUADROS, Raquel dos Santos. **Gustavo Capanema**: a organização do Ensino Primário Brasileiro no período de 1934-1945. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

RODRIGUES, Elaine. **A Invenção da Democracia no Paraná**. 1983 a 1987. Assis, 2002. 273 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciência e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.

ROMANELLI, O. **História da educação no Brasil 1930-73**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

ROMANOVSKI, Nathalia. **A Revista Joaquim e o campo literário no Paraná**. 2008. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curso de Ciências Sociais, Setor de Filosofia, Ciência Humanas e Letras, Curitiba, 2008.

SANTOS, Denise Grein (Org.). Autobiografia do Erasmo Pilotto. In: PILOTTO, Erasmo. **Autobiografia**. Curitiba: Editora UFPR, 2004. p. 5-169.

SAVIANI, D. História da escola pública no Brasil: questões para pesquisa. In: NASCIMENTO, M. I. M.; LOMBARDI, J. C. L.; SAVIANI, D. **A escola pública no Brasil: história e historiografia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 1-29.

SCHELBAUER, Analete Regina. Da roça para a escola: institucionalização e expansão das Escolas Primárias Rurais no Paraná (1930-1960). **Hist. Educ. [Online] Porto Alegre**, v. 18, n. 43, p. 71-91, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/39687/pdf_22>. Acesso em: 22 nov. 2014.

SCHELBAUER, A. R.; GONÇALVES NETO, W. Ensino primário no meio rural paranaense: em foco as escolas de trabalhadores rurais e de pescadores entre as décadas de 30 e 50 do século XX. **Caderno de História da Educação**, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 83-107, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/22898/12471>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

SILVA, Jackson Ronie Sá; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, ano 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teoricas_e_metodologicas.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2014.

SILVA, Thomaz Tadeu. **O currículo como fetiche**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: CEALE Autêntica, 1998.

_____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, Magda. **Metamemórias: memórias travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, R. F. Espaço da educação e da civilização: origens dos grupos escolares no Brasil. In: ALMEIDA, J. S.; SAVIANI, D; VALDEMARIN, V. T. **O legado educacional do século XIX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 34-83 [Coleção Educação Contemporânea].

SOUZA, Rosa Fátima. **História da organização do trabalho escolar e do currículo do século XX**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. As escolas públicas paulistas na primeira república: subsídios para a história comparada da escola primária no Brasil. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; SOUZA, Rosa Fátima de; PINTO, Rubia-Mar Nunes (Org.). **Escola primária na primeira república (1889-1930): subsídios para uma história comparada**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2012. p. 23-77.

STEPHANOU, M; BASTOS, M. H. História, memória e história da educação. In: _____. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. p. 416-429.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VIDAL, Gonçalves Diana; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2005. 139 p. (Coleção Memória da Educação).

VIEIRA, C. E. O movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e idéias educativas de Erasmo Pilotto. **Educar em Revista**, Curitiba: Editora da UFPR, n. 18, p. 53-73. 2001.

_____. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a História Intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, v. 8, n. 11, p. 63-85, jan./abr. 2008.

VIEIRA, C. E.; MARACH, C. B. Escola de mestre único e escola serena: realidade e idealidade no pensamento de Erasmo Pilotto. In: VIEIRA, C. E. (Org.). **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007. p. 269-291.

WERLE, F. O. C. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 13-36 [Coleção Memória da Educação].